

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE
DE LISBOA

A ÁGUA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA

Repensar a frente marítima entre Algés e a Cruz Quebrada
e execução de um edifício de banhos públicos.

Teresa Maria Aragão Morais Fernandes Thomaz

Projeto Final de Mestrado elaborado para a obtenção
do grau de mestre em Arquitetura, na área de
especialização em Arquitetura Integrada

Orientação Científica

Professor Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa
Francisco Carlos Almeida do Nascimento e Oliveira

Júri

Presidente Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues
Vogal Maria Rita Pais Ramos De Abreu Almeida
Vogal Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa

Documento Definitivo

Lisboa, FA Ulisboa , Julho de 2025



Fig. 01 - Praia da Azarujinha, linha de Cascais, Fotografia do autor , 2023



Fig. 02 - Praia da Azarujinha, linha de Cascais, Fotografia do autor, 2023

*“ Fechei à chave todos os meus cavalos
A chave perdi-a no correr de um rio
Que me levou para o mar de longas crinas
Onde o caos recomeça - incorruptível. “*

Sophia de Mello Breyner Andresen

AGRADECIMENTOS

Obrigada a minha família, mãe e pai.

Obrigada ao António e Sofia.

Obrigada aos meus 4 irmãos.

À minha irmã, que desde sempre faz tudo melhor do que eu.

Ao professor Francisco Oliveira, por me ensinar que nada nasce do nada e que as ideias são sempre filhas de outras.

Ao professor Jorge Mealha, por ser o meu “mentor á primeira vista” . Meu primeiro e agora , último.

Por fim, e certamente mais importante se fiz alguma coisa bem na faculdade, foram os amigos.

Obrigada a eles.



Fig. 03- Local de intervenção, Praia de Algés, Fotografia do autor , 2025



Fig. 04- Local de intervenção, Praia de Algés, Fotografia do autor , 2025

RESUMO

Este Trabalho Final de Mestrado (TFM) propõe uma leitura crítica e conceptual da frente ribeirinha e atlântica entre Algés e a Cruz Quebrada, tomando a água como matéria simbólica e estruturante da memória coletiva urbana. Desenvolvido no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura, no contexto do tema “Jangada de Pedra”, lançado pelo Professor Jorge Mealha no ano letivo de 2023/24, o trabalho resulta de um exercício que procurou reconfigurar o território ribeirinho através da conceção de um novo aterro multifuncional.

A peça central da proposta consiste num edifício de banhos públicos que articula referências clássicas às termas com uma abordagem contemporânea, sensorial e territorial. A investigação assenta numa metodologia que conjuga a observação crítica do lugar, uma reflexão teórica e o projeto de arquitetura, permitindo compreender o espaço enquanto fenómeno cultural.

As principais ações incluem o reposicionamento da marginal e a criação de plataformas de uso público, aproximando novamente o corpo urbano do Tejo. O edifício termal, ao inscrever-se neste contexto, ativa um percurso de rememoração corporal, atmosférica e material, devolvendo à água o seu papel mediador na construção de identidades.

O trabalho permite demonstrar que a arquitetura pode operar enquanto gesto de reinscrição simbólica do território, articulando práticas sensíveis, programas coletivos e atmosferas de pertença.

PALAVRAS CHAVE

Memória Coletiva | Água | Banhos Públicos |
Frente Atlântica | Sensorialidade |
Território | Projeto Urbano

ABSTRACT

This Master's Final Project (TFM) proposes a critical and conceptual reading of the riverside and Atlantic waterfront between Algés and Cruz Quebrada, taking water as a symbolic and structuring element of collective urban memory. Developed within the framework of the Integrated Master's in Architecture, and in the context of the theme "Jangada de Pedra", launched by Professor Jorge Mealha in the academic year 2023/24, this work results from an exercise aimed at reconfiguring the riverfront territory through the design of a new multifunctional landfill.

The central element of the proposal consists of a public baths building that articulates classical references to Roman thermae with a contemporary, sensorial, and territorial approach. The research is based on a methodology that combines critical site observation, theoretical reflection, and architectural design, allowing the space to be understood as a cultural phenomenon.

The main actions include the repositioning of the Marginal road and the creation of public-use platforms, once again bringing the urban body closer to the River Tagus. The thermal building, embedded in this context, activates a journey of bodily, atmospheric, and material remembrance, restoring to water its mediating role in the construction of identities.

This work demonstrates that architecture can operate as a gesture of symbolic reinscription of the territory, articulating sensitive practices, collective programs, and atmospheres of belonging.

KEY WORDS

Collective Memory | Water | Public Baths | Atlantic Waterfront | Sensoriality | Territory | Urban Project



Fig. 05 - Ribeira das Naus ,fotografia de autor Fotografia do autor , 2019



Fig. 06 - Ribeira das Naus ,Fotografia de autor, 2019

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 01 - Praia da Azarujinha, linha de Cascais, Fotografia do autor , 2023	II
Fig. 02 - Praia da Azarujinha, linha de Cascais, Fotografia do autor, 2023	III
Fig. 03- Local de intervenção, Praia de Algés, Fotografia do autor , 2025	VI
Fig. 04- Local de intervenção, Praia de Algés, Fotografia do autor , 2025	VII
Fig. 05 - Ribeira das Naus ,fotografia de autor Fotografia do autor , 2019	X
Fig. 06 - Ribeira das Naus ,Fotografia de autor, 2019	XI
Fig. 07 -Marina de Algés , 1946 , Sem Autor	2
Fig. 08 - Praia de Algés , Sem Autor ,1946 .	4
Fig. 09 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025	5
Fig. 10 - Estudo Plano Urbano proposto, Desenho de autor , 2025	6
Fig. 11 e 12 - Praia das Avencas, Fotografias do autor , 2025	9
Fig. 13 Ghats de Varanasi (Benares), Índia, Samuel Bourne por volta de 1865	10
Fig.14- Caldário da terma de Pompeia (detalhe de aquecimento do piso). Fotografia William Henry	11
Fig. 15 e 16 Local de intervenção, Praia de Algés, Fotografia do autor, setembro 2024	13
Fig. 17 - Praia de Algés [1912], Sem Autor	15
Fig. 18 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025	17
Fig. 19 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025	18
Fig. 20 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025	19
Fig. 21 - Therme Vals sketch 1995-1996 PETER ZUMTHOR	20
Fig.22 - Carta Geológica de Portugal . Folha 34c Cascais – Instituto Geológico e Mineiro	22
Fig.23 - Vista aérea entre Cruz Quebrada e Algés (antes das obras de canalização da Ribeira do Jamor) e da regularização da Praia do Dafundo ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA, SETÚBAL E SESIMBRA	23
Fig.24 - Vista aérea do Porto de Lisboa, entre Cruz Quebrada e a Torre de Belém (antes da construção da Doca de Pedrouços) ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA, SETÚBAL E SESIMBRA	24
Fig. 25 - Vista da Praia da Cruz Quebrada fotografada do Alto de Caxias ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA, SETÚBAL E SESIMBRA	26

Fig. 26 -Vista aérea da Praia de Pedrouços no início das obras da doca - ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA, SETÚBAL E SESIMBRA	27
Fig.27 - Praia de Algés, meados século XIX, Sem Autor	29
Fig.28 - Algés - estação de comboios e praia , ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA	31
Fig.29 - Algés - estação de comboios e praia , ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA	32
Fig.30 e 31 - Imagens Praia de Algés , 1960 , Sem Autor	33
Fig. 32 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025	35
Fig. 33 - Semiotic Apocalypse , Sebastião Salgado 1986	36
Fig. 34 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra	37
Fig. 35 - Kōji Yakusho as Hirayama in Perfect Days (2023).	38
Fig. 36 - Hubert Robert, “Ruins of a Roman Bath with Washerwomen” (after 1766)	39
Fig. 37 - Planta Termas Mileu , Guarda , Portugal .	40
Fig. 38 - “Banho Turco” , Jean-Léon Gérôme, 1870	42
Fig. 39 - Hammam Essalihine, banho romano de 2000 anos ,Argélia.	43
Fig. 40 - Ginzan Onsen Fujiya, 2008, Kengo Kuma.	44
Fig. 41 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra	45
Fig. 42 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra	46
Fig. 43 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra	47
Fig. 44 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra	48
Fig. 45- Proposta de Plano Urbano, Desenho do autor, 2025.	50
Fig. 46 -Proposta de Plano Urbano, Desenho do autor, 2025.	51
Fig. 47 - Estudos da forma Plano Urbano, Desenho de grupo, 2025.	52
Fig. 48, 49 e 50 - Estudos da forma Plano Urbano, Desenho de autor, 2024.	53
Fig. 51, 52 e 53 - Esquissos e Estudos da forma do plano urbano.	54
Fig. 54 - Praia da Azarujinha, linha de Cascais, Teresa Thomaz , 2023	55
Fig. 55 e 56 - Maquete proposta de Plano urbano escala 1.2000	56

- Fig. 57 - Esquissos de estudo do edifício termal. . 58
- Fig. 58 - Plantas 1.200 do edifício termal e esquema de zonas quentes, mornas e frias. 58
- Fig. 59 - Corte 1.200 do edifício termal e esquema de zonas quentes, mornas e frias. 59
- Fig. 60 e 61-Maquete física do edifício termal. Fotografia e maquete do autor. (imagem provisória) 60
- Fig. 62 -Maquete de estudo edifício termal. Fotografia e maquete do autor. 62
- Fig. 63 -Albrecht Durer, Women´s Bath . Public domain . 66
- Fig. 64 - Lawrence Halprin, Ira Keller Fountain , Portland, USA, 1970. Hagar66, 1995, Creative Commons 67

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	II
ABSTRACT	III
ÍNDICE DE FIGURAS	IV
ÍNDICE GERAL	V
I. INTRODUÇÃO	2
II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	20
III. METODOLOGIA :	29
III.I A ÁGUA E O TERRITÓRIO: CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS, HISTÓRICAS E URBANAS ENTRE ALGÉS E CRUZ QUEBRADA	34
III.II. MEMÓRIA COLETIVA E ESPAÇO ARQUITETÓNICO: PROCESSOS DE (RE)MEMORIZAÇÃO NA ORLA ATLÂNTICA	41
III.III. DO LUGAR À MATÉRIA HÍDRICA: LEITURAS SENSORIAIS, ATMOSFÉRICAS E PROGRAMÁTICAS	47
IV. PROJECTAR A MEMÓRIA: UM EDIFÍCIO DE BANHOS PÚBLICOS COMO DISPOSITIVO DE REESCRITA TERRITORIAL	62
V . CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
BIBLIOGRAFIA	80
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho Final de Mestrado assume, desde o início, um compromisso com a reflexão crítica acerca do papel simbólico, ecológico e urbano da água. A seleção da frente ribeirinha entre Algés e Cruz Quebrada-Dafundo como objeto de estudo resulta de uma constatação empírica e social: apesar de residir junto ao rio Tejo, a população local encontra-se, na prática, afastada deste. O acesso direto à água é limitado, circunscrito a passagens subterrâneas nas estações de comboio, enquanto a marginal e a linha férrea erguem barreiras físicas e sensoriais. De forma paradoxal, trata-se de uma das zonas com maior valor imobiliário por metro quadrado no concelho de Oeiras. Apresenta-se como uma área “privilegiada” pela proximidade ao Tejo, mas simultaneamente marcada pelo ruído, pela insegurança e pela descontinuidade urbana.



Fig. 07 -Marina de Algés , 1946 , Sem Autor

O interesse por este tema surge num momento de reavaliação crítica das frentes ribeirinhas em diversas cidades europeias. A reabilitação das margens fluviais enquanto espaços de usufruto coletivo, lazer e valorização ecológica insere-se numa tendência que procura restituir à água um papel central na experiência urbana. Neste enquadramento, o caso de Algés adquire particular relevância devido à sua história de ligação comunitária ao rio, patente nos arquivos fotográficos e nos testemunhos locais que documentam o uso da antiga praia de Algés como espaço balnear e social.

Nas últimas décadas, assistiu-se igualmente a um duplo ressurgimento da arquitetura do banho. Por um lado, emerge como destino de luxo e experiência sensorial intensa, sendo o Therme Vals de Peter Zumthor um exemplo paradigmático desta tendência. Por outro, afirma-se enquanto infraestrutura urbana regeneradora, sobretudo em cidades pós-industriais, onde a água é novamente reconhecida como elemento integrante da esfera pública, ecológica e social. Tal como refere Christie Pearson em *The Architecture of Bathing* (2020, p. 13), “a arquitetura deve integrar-se mais profundamente nas relações entre corpo, natureza e cultura”. É neste contexto que a proposta de um edifício de banhos públicos assume um papel central, funcionando simultaneamente como gesto simbólico e como intervenção prática e urbana.

Lisboa desenvolveu-se numa permanente relação com o rio Tejo, que influenciou de forma decisiva a sua estrutura urbana, a identidade coletiva e a economia. Contudo, esta ligação foi sendo gradualmente interrompida pela introdução de infraestruturas modernas que privilegiam a mobilidade e o consumo em prejuízo da vivência local.

A zona compreendida entre Algés e a Cruz Quebrada constitui um exemplo evidente de dissociação simbólica e funcional: o rio permanece presente, embora se encontre inacessível e praticamente invisível. O interesse por este tema surge num momento de reavaliação crítica das frentes ribeirinhas em diversas cidades europeias. A reabilitação das margens fluviais enquanto espaços de usufruto coletivo, lazer e valorização ecológica insere-se numa tendência que procura restituir à água um papel central na experiência urbana. Neste enquadramento, o caso de Algés adquire particular relevância devido à sua história de ligação comunitária ao rio, patente nos arquivos fotográficos e nos testemunhos locais que documentam o uso da antiga praia de Algés como espaço balnear e social.



Fig. 08 - Praia de Algés , Sem Autor ,1946 .

David Harvey (1989) caracteriza a condição pós-moderna como um período marcado pela fragmentação espacial e social, intensificada pela “acumulação flexível” e pela “compressão espaço-tempo”. As cidades deixam de ser concebidas de forma coesa, transformando-se em territórios desiguais e descontínuos, definidos por interesses económicos e dinâmicas de consumo. Esta perspetiva permite compreender de que modo a introdução da linha férrea e da via rápida contribuiu para o abandono da praia de Algés, alterando hábitos locais e desfazendo laços comunitários com raízes históricas.

Harvey sustenta que o urbanismo pós-moderno produz espaços fragmentados, os quais refletem e acentuam vidas sociais igualmente fragmentadas, realidade que se torna evidente neste território. O espaço ribeirinho passou a servir, em primeiro lugar, lógicas de circulação e logística, perdendo a sua função enquanto espaço de encontro, lazer e identidade. Como refere o mesmo autor, na condição pós-moderna o passado é mercantilizado ou apagado, interrompendo assim a continuidade da experiência vivida.



Fig. 09 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025

O projeto de intervenção centra-se na frente ribeirinha compreendida entre o Jamor e o Passeio Marítimo de Algés, atravessada pela linha férrea Lisboa-Cascais e pela antiga EN6. A proposta prevê a criação de um novo aterro multifuncional, integrando zonas habitacionais, comerciais, ajardinadas e balneares. A configuração do aterro resulta de uma análise crítica do tecido urbano existente, cujas linhas estruturantes são prolongadas em direção ao rio, originando doze plataformas horizontais destinadas ao uso público.

Inspirado pelas práticas espontâneas que ali persistem — pescadores, atletas e banhistas que se apropriam da margem apesar das interdições — o projeto propõe uma infraestrutura que reconhece esses gestos e lhes confere dignidade, integrando-os num desenho que respeita o uso real do lugar e não a sua norma abstrata. As plataformas integram piscinas naturais, concebidas a partir de estudos batimétricos, adaptando-se às marés e proporcionando uma experiência flutuante, sensorial e coletiva.

No centro da proposta encontra-se um edifício de banhos públicos, inspirado na tipologia das termas romanas, reinterpretadas numa perspetiva contemporânea. Espaços com diferentes temperaturas e atmosferas originam uma coreografia sensorial que aproxima o corpo humano da água e da memória coletiva. A experiência arquitetónica é concebida como um ritual de reencontro, no qual a água deixa de constituir obstáculo e retoma o seu papel de elemento integrador.

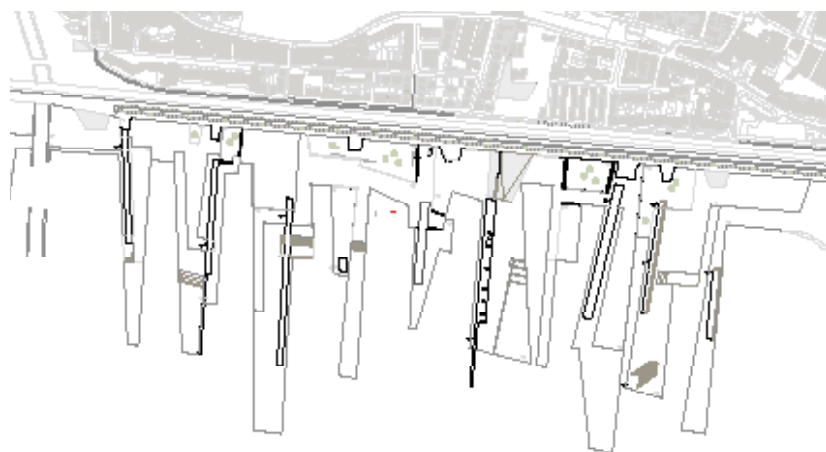


Fig. 10 - Estudo Plano Urbano proposto, Desenho de autor , 2025

Nesta reaproximação simbólica ao rio Tejo, o pensamento de Aldo Rossi revela-se fundamental. Em *A Arquitectura da Cidade* (1966), Rossi defende que a cidade resulta de uma memória coletiva, na qual determinados espaços e edifícios adquirem o estatuto de “factos urbanos”, isto é, estruturas permanentes investidas de valor histórico e simbólico. Para Rossi, a arquitetura não se resume à função ou ao estilo, sendo igualmente memória cristalizada no espaço.

A antiga praia de Algés constituía um desses factos urbanos: um espaço de encontro e identidade que foi progressivamente eliminado pelo avanço das infraestruturas. Reativar essa memória por via da arquitetura configura, neste contexto, um gesto de resistência cultural. Como refere Rossi, “A cidade não é apenas um sistema funcional; é também um artefacto coletivo, construído ao longo do tempo.” Restituindo ao rio o seu papel na estruturação do espaço urbano, a proposta enquadra-se nessa compreensão da arquitetura como instrumento de permanência simbólica.

Como pode um projeto urbano e arquitetónico devolver o rio às pessoas, reativando a relação comunitária com a frente ribeirinha de Algés e Cruz Quebrada-Dafundo através da integração da água como matéria central de um edifício público de bem comum?

Com base nos dados da Junta de Freguesia de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada-Dafundo, esta região conta com mais de 47 000 habitantes, uma densidade populacional elevada e um tecido urbano consolidado, embora marcado por fragmentação.

A reaproximação entre o rio e a população configura-se, assim, como um desafio que transcende a dimensão espacial, assumindo igualmente contornos sociais e simbólicos.

A proposta apresentada procura revalorizar o Tejo enquanto elemento estruturante da vida urbana, promovendo a criação de espaços públicos de encontro, bem-estar e memória coletiva. A água, neste contexto, constitui-se simultaneamente como elemento natural e catalisador de transformação urbana. Assim, este trabalho pretende evidenciar de que modo a arquitetura pode operar como gesto de reinscrição simbólica do território, articulando práticas sensíveis, programas coletivos e atmosferas de pertença, restituindo à água o seu papel estruturador na memória urbana.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Na frente ribeirinha entre Algés e a Cruz Quebrada, a água do Tejo não constitui apenas um limite geográfico ou um recurso natural, antes se afirma como uma presença ancestral e simbólica que molda a história, a experiência sensorial e a cultura deste lugar. O seu papel transcende o domínio físico, assumindo-se como elemento evocador de memórias coletivas, práticas sociais e espacialidades poéticas. Para compreender esta dimensão profunda da água, é fundamental recorrer à abordagem fenomenológica e imaginativa proposta por Gaston Bachelard, em particular na obra *Water and Dreams: An Essay on the Imagination of Matter* (1983), onde descreve a água como “a matéria da meditação fluida”, um meio propício ao devaneio e à interioridade.

Bachelard sugere que a água, pela sua maleabilidade, envolvimento e profundidade, desperta em nós uma ligação afetiva e simbólica singular, distinta dos outros elementos. No contexto de Algés e Cruz Quebrada, esta leitura convida-nos a contemplar o estuário do Tejo não como uma mera fronteira funcional, mas como um reflexo da sensibilidade do território. A sua presença é constante, embora frequentemente desvalorizada pelas lógicas infraestruturais que a distanciaram da vida quotidiana dos habitantes. Recuperar essa relação com o rio implica mais do que garantir acessibilidade física; exige a reintegração da água na imaginação do lugar.

É neste sentido que se estrutura a proposta de intervenção para esta frente ribeirinha. A água deve ser entendida como agente de evocação sensorial, uma matéria viva e simbólica que molda experiências coletivas, memórias e práticas espaciais. A criação de zonas de imersão, plataformas de banho, espelhos de água ou percursos contemplativos ao longo do estuário procura restituir o rio à população e reativar um modo de habitar o espaço mais poético, mais tátil e profundamente enraizado no sensível.



Fig. 11 e 12 - Praia das Avencas, Fotografias do autor , 2025

A esta abordagem associa-se o pensamento de Christie Pearson que, em *The Architecture of Bathing* (2020), explora precisamente a arquitetura como suporte de experiências corporais ligadas à água, considerando o banho enquanto rito, pausa e celebração do corpo e do coletivo. Pearson afirma que “as arquiteturas do banho criam espaços de partilha, cuidado e ritual, são espaços onde o corpo se encontra com o cosmos.” Esta noção aproxima-se da intenção desta intervenção: que a água volte a assumir um papel central, não apenas enquanto cenário, mas como matéria ativa do espaço público, promotora de vínculos entre as pessoas, a cidade e a paisagem natural.

A força simbólica da água manifesta-se em inúmeros contextos culturais. O rio Ganges, em Varanasi, constitui talvez o exemplo mais expressivo de como um corpo de água pode estruturar não apenas uma cidade, mas também um sistema de crenças. O Ganges é considerado uma divindade, e o ato de se banhar nas suas águas representa um gesto de purificação espiritual. Os ghats que definem a sua margem são simultaneamente espaços litúrgicos, sociais e urbanos, locais de comunhão com o sagrado e com a memória familiar e coletiva. Esta dimensão do banho como rito de passagem e ligação ao transcendente poderá inspirar uma nova sensibilidade arquitetónica para Algés: espaços de água que promovam a contemplação e a renovação.



Fig. 13 Ghats de Varanasi (Benares), Índia, Samuel Bourne por volta de 1865

Por outro lado, as termas romanas constituem um exemplo clássico da água enquanto elemento estruturante da vida urbana. Muito para além de espaços dedicados à higiene, as termas assumiam-se como lugares de encontro, convívio, lazer e até negociação política. A sua organização espacial, com piscinas de diferentes temperaturas, zonas de transição e áreas de repouso, revela uma compreensão sofisticada do corpo em relação à matéria líquida.

Cada um destes exemplos, o sagrado Ganges e as racionais termas romanas evidencia que a água, em diferentes épocas e geografias, nunca se apresenta como neutra. Transporta memórias, rituais, desejos e narrativas que a transformam num dos elementos mais poderosos na configuração do espaço e da experiência humana. Neste contexto, a intervenção em Algés e Cruz Quebrada procura reencantar a relação entre as pessoas e o Tejo, encarando a água como uma presença sensível capaz de convocar novos gestos urbanos e de inspirar rituais quotidianos renovados. Bachelard sugere que “a água profunda é a imagem da alma que sonha”. É precisamente neste registo, entre o sonho e o corpo, que se pode conceber a requalificação da frente ribeirinha: um projeto poético que restitui à água o seu papel enquanto eixo da vida urbana.



Fig.14- Caldário da terma de Pompeia (detalhe de aquecimento do piso).
Fotografia William Henry

Tal como Pearson refere, “o banho público é uma arquitetura de pertença partilhada”. Recriar essa pertença em Algés implica restituir centralidade ao Tejo, resgatando o seu valor simbólico, sensorial e cultural, integrando-o na vivência quotidiana de habitantes e visitantes.

A revalorização do território ribeirinho implica o reconhecimento da sua carga memorial. Este princípio orienta a compreensão de que os espaços urbanos não se limitam a construções físicas, funcionando igualmente como suportes materiais das lembranças partilhadas. Maurice Halbwachs, em *On Collective Memory*, defende que a memória constitui uma construção social, sustentada pelos quadros coletivos que moldam as nossas recordações. Deste modo, os espaços urbanos assumem-se como depositários das experiências coletivas e desempenham um papel fundamental na preservação da identidade comunitária.

Pierre Nora, por seu lado, introduz o conceito de *lieux de mémoire* (1984–1992), referindo-se a lugares que, apesar de poderem ter perdido a sua função original, permanecem como pontos de condensação simbólica da memória coletiva. Estes locais assumem-se como âncoras identitárias, sobretudo em períodos de aceleração histórica e transformação urbana. A antiga praia de Algés ilustra esta ideia: embora tenha perdido a sua função balnear, conserva um valor cultural relevante, funcionando como repositório identitário ameaçado pelo esquecimento.

Historicamente, a praia de Algés, cujo areal se prolongava até à Cruz Quebrada, constituiu um ponto central de ligação entre a comunidade local e o rio. Atravessada pela ribeira de Algés, acolhia sucessivas gerações de banhistas, pescadores e lavadeiras. No final do século XIX, Algés era descrita como “uma aldeia minúscula”, onde “as mulheres eram essencialmente lavadeiras e os homens pastores ou agricultores”, segundo relata Levy Nunes Gomes na monografia “Algés ao longo dos tempos”. A praia era frequentada pela alta sociedade lisboeta e conhecia particular afluência em setembro, mês dos “21 banhos que os médicos receitavam às crianças”.

A memória coletiva associada à praia de Algés revela-se, por conseguinte, plural: abrange práticas sociais, rituais de saúde, atividades económicas e momentos de lazer. Este palimpsesto de vivências balneares constitui um património imaterial que importa considerar nos projetos de requalificação urbana.



Fig. 15 e 16 Local de intervenção, Praia de Algés, Fotografia do autor , setembro 2024

Descurar esta dimensão simbólica pode conduzir à perda de elementos essenciais da identidade local. A intervenção urbana na frente ribeirinha de Algés deve ultrapassar a mera reconfiguração espacial, integrando estratégias que reconheçam e valorizem a memória coletiva, transformando o espaço num lugar vivo de evocação histórica. Tal poderá ser concretizado através da criação de zonas que remetam para as práticas tradicionais, como áreas de lazer que recordem os antigos banhos ou instalações que homenageiem as lavadeiras e pescadores que ali exerceram a sua atividade. Deste modo, o projeto urbano não só requalifica o espaço físico, como também revitaliza a memória coletiva, reforçando o vínculo entre a comunidade e o seu território.

A presente proposta baseia-se na convicção de que a arquitetura nunca é neutra, nem se limita à função ou à aparência. Assume-se como uma prática cultural, compreendida enquanto forma de expressão que reflete, interpreta e modela as experiências sociais e históricas. A arquitetura detém agência histórica, intervindo no tempo, inscrevendo-se na memória coletiva e influenciando a forma como as comunidades habitam o mundo.

Na obra “A Arquitetura e a Cidade” (1966), Aldo Rossi sustenta que a cidade deve ser compreendida como uma construção histórica, coletiva e duradoura, onde o tempo imprime marcas visíveis na forma urbana. Defende uma abordagem memorialista e tipológica do espaço urbano, segundo a qual o projeto não se impõe ao território, mas resulta da atenção às suas permanências. Esta perspetiva revela-se particularmente pertinente na requalificação da frente ribeirinha entre Algés e o Dafundo, onde a memória coletiva subsiste, apesar da obsolescência funcional dos seus espaços. Trata-se de um território que, embora atualmente marcado pela marginal rodoviária e pela fragmentação urbana, foi outrora um contínuo balnear e social de grande relevância simbólica. Tal como Rossi sublinha, a cidade edifica-se sobre as suas funções presentes e sobre a estratificação histórica dos usos, das práticas e dos significados. A antiga praia — que acolheu banhistas lisboetas, lavadeiras da ribeira e até práticas terapêuticas infantis prescritas por médicos no século XIX — constitui um autêntico lugar de memória, no sentido de Pierre Nora, bem como uma “permanência urbana” na aceção de Rossi.



Fig. 17 - Praia de Algés [1912], Sem Autor

O presente projeto propõe a valorização do estuário enquanto matriz sensorial da intervenção, recorrendo a materiais, texturas e soluções construtivas que estabelecem um diálogo com o contexto atlântico-fluvial e com a memória industrial e balnear da zona. Esta abordagem revela afinidade com a perspetiva de Kenneth Frampton, que, no ensaio “Towards a Critical Regionalism”, defende uma resistência crítica à homogeneização global da arquitetura e reivindica uma prática enraizada nas especificidades locais — geográficas, climáticas e culturais — como forma de preservar e reforçar a identidade dos lugares. Como o próprio autor afirma, “Critical Regionalism seeks to mediate the impact of universal civilization with elements derived indirectly from the peculiarities of a particular place” (Frampton, 1983, p. 26), o que legitima, no caso de Algés-Cruz Quebrada, uma revalorização do território ribeirinho fundamentada na sua singularidade física e simbólica.

A proposta procura reinterpretar este princípio ao integrar percursos pedonais junto ao estuário, zonas de contacto direto com a água, escadas que conduzem a plataformas próximas da maré, áreas de estar compostas por materiais térmicos e táteis, como a pedra e o betão, bem como vegetação que proporciona aroma e sombra. Estes elementos incentivam uma presença consciente do corpo no espaço, estabelecendo um contraste evidente com a frieza e rigidez das infraestruturas rodoviárias atualmente prevalentes. Juhani Pallasmaa sustenta, na sua obra *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses* (1996), que a arquitetura não deve ser limitada a uma experiência estritamente visual ou formal; pelo contrário, deve envolver todo o corpo, ativando os sentidos e promovendo uma vivência multissensorial do espaço. A memória, segundo Pallasmaa, constrói-se tanto através das formas como das texturas, dos sons, dos aromas e das temperaturas que um lugar desperta.

“The door handle is the handshake of the building.”
— *Juhani Pallasmaa, The Eyes of the Skin, 1996*

Mais do que simples percursos de circulação ou espaços de função utilitária, estes lugares assumem-se como atmosferas vividas, nas quais os utilizadores constroem memórias sensoriais associadas à água, à luz, ao som das ondas e ao vento. A proposta restitui o valor simbólico e poético do estuário e resgata igualmente a dimensão humana e íntima da experiência urbana, em consonância com os princípios defendidos por Pallasmaa. Ao articular os sentidos com a materialidade e o contexto natural do Tejo, a arquitetura emerge como mediadora entre o corpo e a paisagem, entre o presente e a memória, configurando um espaço onde habitar se converte em experienciar.

METODOLOGIA



Fig. 18 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025

A metodologia seguida nesta investigação estrutura-se numa abordagem híbrida que conjuga dimensões analíticas e exploratórias sob uma orientação fenomenológica e hermenêutica. Esta perspetiva reconhece o território enquanto construção dotada de múltiplas camadas — físicas, sensoriais, históricas e simbólicas — recusando qualquer leitura linear ou redutora da realidade estudada. Em vez disso, privilegia-se um processo iterativo em que a prática arquitetónica se configura simultaneamente como exercício reflexivo e via para a produção de conhecimento.

No contexto específico da frente ribeirinha compreendida entre Algés e a Cruz Quebrada, este território é entendido como objeto de análise mas também como matriz geradora do projeto. A abordagem ao espaço reconhece-o enquanto palco de sobreposições, onde confluem o uso quotidiano, os vestígios da memória coletiva e as metamorfoses silenciosas que o tempo impõe. Cada camada inscreve uma narrativa, criando um território em permanente reinvenção, onde o passado ressoa nas fissuras do presente e o futuro se adivinha nos interstícios do que persiste. Este entendimento alinha-se com as ideias desenvolvidas por Christian Norberg-Schulz, cuja conceptualização do “espírito do lugar” (Genius Loci) decorre da articulação entre morfologia física, experiência sensorial dos habitantes e dimensão simbólica atribuída ao espaço, cabendo à arquitetura potenciar a habitabilidade dos lugares através da revelação e consolidação do seu carácter intrínseco: “habitar significa deixar que as coisas estejam no seu lugar próprio” (Genius Loci, 1980).

A investigação iniciou-se com uma exploração do local em estudo, conduzida através de sucessivas visitas ao terreno que privilegiaram a observação direta aliada à recolha de registos fotográficos e descritivos. Esta aproximação permitiu aceder a realidades que extravasam aquilo que pode ser representado cartograficamente. Destacam-se neste âmbito fenómenos como a perceção corpórea do espaço habitado, os modos informais de apropriação dos lugares, os traços persistentes da memória coletiva ou ainda as tensões subtis entre o domínio visível e aquilo que permanece implícito no lugar. Estes elementos revelam-se imprescindíveis para compreender o “mundo da vida” (Lebenswelt), conceito central à fenomenologia da arquitetura em autores como Norberg-Schulz ou Peter Zumthor. Este último sublinha enfaticamente o papel das qualidades sensoriais e atmosféricas da arquitetura na construção da experiência humana: “a arquitetura é capaz de nos tocar, porque ela nos envolve de uma forma corporal e sensível” (Atmospheres, 2006).



Fig. 19 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025

A esta leitura juntou-se um levantamento documental que contemplou fontes históricas e contemporâneas disponibilizadas pelo Município de Oeiras que passaram por plantas topográficas, registos das infraestruturas existentes, dados demográficos bem como cartografia urbana atualizada. A análise destes materiais permitiu identificar transformações profundas na morfologia dos usos do solo assim como na relação estabelecida entre as comunidades locais e o rio adjacente. Tornou-se evidente um processo continuado de erosão do contacto físico mas também simbólico com o elemento aquático, uma questão determinante para o desenvolvimento deste trabalho.

Paralelamente foi realizada uma revisão bibliográfica dedicada ao tema da água enquanto realidade espacialmente situada mas também enquanto fenómeno cultural e simbólico. Este corpo teórico fundamentou as decisões assumidas nas várias etapas do processo de projeto garantindo uma articulação entre premissa conceptual e expressão conceptual do espaço projetado. Neste contexto assume particular relevo a proposta para um edifício destinado a banhos públicos cuja génese reside precisamente na intenção de restituir à vivência urbana contemporânea uma relação renovada com a água, tanto através da experiência sensível proporcionada ao corpo quanto pela evocação das memórias coletivas associadas ao lugar.



Fig. 20 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025

A fase de desenvolvimento do projeto foi conduzida com base numa lógica de investigação através do projeto. Donald Schön, autor de *The Reflective Practitioner* (1983), defende que o arquiteto aprende num processo de diálogo constante com a situação e o desenho: “os profissionais refletem nas suas ações enquanto as executam, tornando-se assim aprendizes e criadores simultaneamente” (Schön, 1983).

Os meios de representação — plantas, maquetes, secções, fotomontagens — foram concebidos enquanto ferramentas de apresentação, mas também como instrumentos críticos de pensamento, aptos a testar, ajustar e clarificar as intenções do projeto.

O desenho foi, deste modo, assumido enquanto linguagem interpretativa, onde corpo, espaço e tempo se cruzaram. O edifício de banhos públicos, elemento central desta proposta, resulta de um processo de experimentação e ajustamento em que o gesto do projeto se transforma numa forma de leitura crítica e resposta ao lugar. Esta prática reflete a filosofia de Zumthor, para quem o projeto emerge de uma escuta atenta das atmosferas e de uma relação tátil com os materiais e a luz, contribuindo para a criação de uma arquitetura que não se impõe mas que se revela como prolongamento sensível da paisagem.

Para além disso, a sua obra *Therme Vals* teve uma importância determinante na consolidação e desenvolvimento dos conteúdos programáticos do projeto.

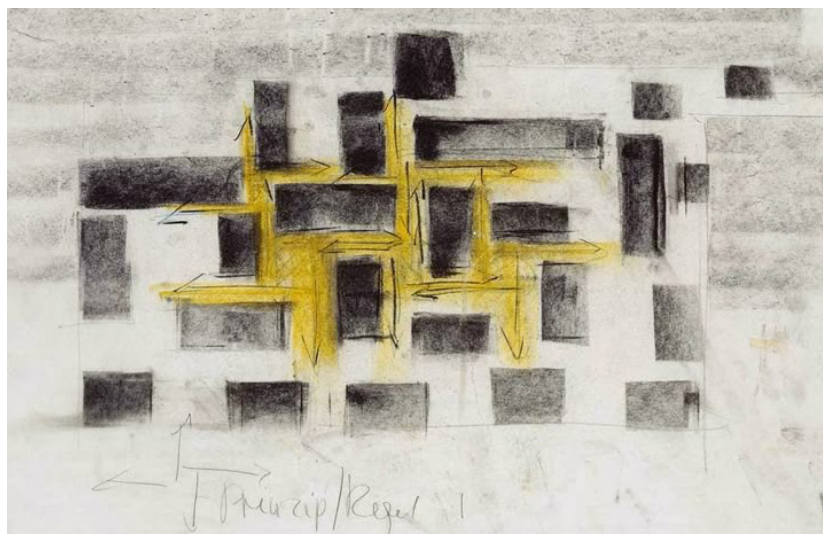


Fig. 21 - Therme Vals sketch 1995-1996 PETER ZUMTHOR

A ÁGUA E O TERRITÓRIO: CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS, HISTÓRICAS E URBANAS ENTRE ALGÉS E CRUZ QUEBRADA

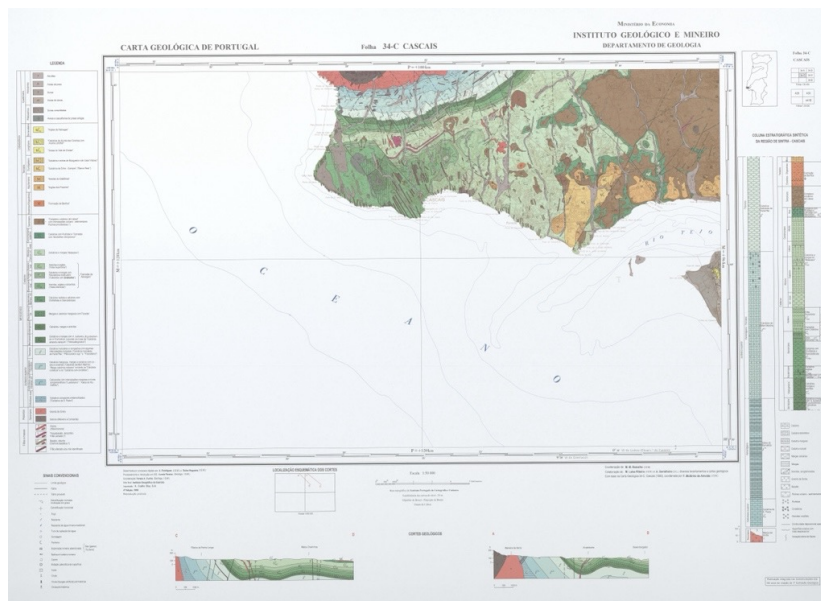


Fig.22 - Carta Geológica de Portugal . Folha 34c Cascais – Instituto Geológico e Mineiro

A faixa litoral compreendida entre Algés e a Cruz Quebrada configura-se como um território de fronteira, distinguido pela sobreposição de tempos geológicos, usos urbanos e narrativas simbólicas que, ao longo dos séculos, se foram adensando e fragmentando. Este espaço assume a forma de um palimpsesto onde se interligam estratos naturais e construídos, resultado de sucessivas intervenções que alteraram profundamente a morfologia original e diluíram tanto a ligação afetiva como a funcional ao Tejo. Uma leitura crítica deste território permite evidenciar que a água, elemento estruturante da identidade local, foi sendo progressivamente afastada — em termos físicos, administrativos e culturais — das dinâmicas urbanas que vieram a conformar esta frente ribeirinha.

A geografia do território evidencia, desde logo, a sua condição de fronteira. A orla entre Algés e a Cruz Quebrada assenta sobre formações geológicas heterogêneas, como as Areias de Praia e os Aluviões holocénicos junto ao litoral, passando pelas Argilas de Xabregas e pelas Areias do Vale de Chelas, ambas do Miocénico, até às formações cretácicas do interior, compostas por grés e calcários. Esta diversidade litológica reflete uma história geológica densa e revela o papel desempenhado pelo Rio Jamor e pelo Tejo na modelação da paisagem costeira. Contudo, a intervenção humana, particularmente a partir do século XIX, alterou profundamente esta configuração, introduzindo infraestruturas pesadas e dispositivos de contenção que transformaram a linha de costa numa barreira física e simbólica.

Com a chegada do caminho de ferro, cujo ramal foi inaugurado entre Pedrouços e Cascais em Outubro de 1889 e prolongado até ao Cais do Sodré em Maio de 1892, num processo que implicou o aterro da margem fluvial e a instalação de taludes e passagens subterrâneas, Algés iniciou um processo de transformação. A implementação da via férrea exigiu o aterro da zona ribeirinha, alterando profundamente o território, deslocando o núcleo urbano para junto do litoral e afastando fisicamente a população do rio. A primitiva estação de Algés, situada defronte do Chalet de Miramar, encontrava-se adjacente à praia, o que evidencia a confluência entre lazer e mobilidade nesse período. Em 1891, a Companhia Real dos Caminhos de Ferro começou a vender maços de bilhetes por zonas com preços reduzidos; em 1894, a Companhia deu novo impulso à captação de passageiros com destino a Algés através da criação de bilhetes para banhos de mar dirigidos a grupos de cinco ou mais pessoas, igualmente a preços mais acessíveis.



Fig.23 - Vista aérea entre Cruz Quebrada e Algés (antes das obras de canalização da Ribeira do Jamor) e da regularização da Praia do Dafundo
ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA, SETÚBAL E SESIMBRA



Fig.24 - Vista aérea do Porto de Lisboa, entre Cruz Quebrada e a Torre de Belém (antes da construção da Doca de Pedrouços)
ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA, SETÚBAL E SESIMBRA

Essas facilidades de transporte, associadas ainda ao surgimento dos americanos (tramways de tração animal) em 1883 e da linha rápida de elétrico em 1901, democratizaram o acesso à praia. O que anteriormente era privilégio da elite tornou-se acessível às famílias mais modestas. Como refere Levy Nunes Gomes, “depois de 1925, passou a ser o destino de domingo das famílias que vinham em rancho dos bairros populares de Lisboa com os seus farnéis”.

Esta obra assinalou o início de um processo sistemático de fragmentação do território, ao interromper a continuidade entre a cidade e o rio. José Lamas refere-se à “pele urbana” como expressão da sensibilidade espacial e, neste caso, pode afirmar-se que esta “pele” foi rasgada e artificializada. A marginal (EN6) e os acessos rodoviários construídos posteriormente consolidaram esta separação, esvaziando a frente ribeirinha da vivência quotidiana e reduzindo-a a um espaço de mera circulação. A lógica funcionalista que orientou estas decisões é criticada por Álvaro Domingues, que identifica na denominada “urbanização técnica” a origem de uma cidade desumanizada, composta por fragmentos isolados sem coerência territorial. Este diagnóstico torna-se especialmente evidente no troço entre Algés e a Cruz Quebrada, onde sucessivas camadas infraestruturais ocultaram a memória do lugar.

No entanto, da referida fragmentação, a relação entre o estuário e a cidade revelava-se profunda e integradora. A praia de Algés, e em menor escala a da Cruz Quebrada, constituíam espaços híbridos de convivência entre diferentes classes sociais e de apropriação comunitária. Conforme sublinha Levy Nunes, “Algés é mais do que um lugar; é uma história viva que pulsa em cada rua, em cada rosto que aqui habita.” Era, de facto, um destino de veraneio onde se cruzavam nobres, burgueses e funcionários públicos. A descrição feita por Ramalho Ortigão da praia de Pedrouços como “uma secretaria do Estado ao ar livre” ilustra exemplarmente este ambiente social dinâmico. Por sua vez, a Cruz Quebrada apresentava uma natureza mais reservada, funcionando como refúgio do “proletário intelectual”, expressão utilizada por Gilberto Monteiro, o que evidencia a diversidade de usos e apropriações do espaço ribeirinho. A cartografia do século XIX confirma esta ocupação articulada, na qual quintas, hortas e pequenos núcleos edificados mantinham um diálogo permanente com o rio.

A relação com o rio começou a deteriorar-se com o avanço das infraestruturas urbanas e comerciais. A construção da Ponte Salazar, em 1966, atualmente designada Ponte 25 de Abril, constitui um ponto de inflexão neste processo. O acesso rodoviário massificado proporcionou às populações lisboetas e suburbanas a possibilidade de frequentarem praias mais distantes, como as da Costa da Caparica, promovendo assim o abandono gradual das praias fluviais de Algés e Cruz Quebrada. Esta transformação não foi apenas física, mas também simbólica. A água deixou de ser espaço de sociabilidade para se tornar elemento funcional, reduzido à sua condição técnica. Portas, Domingues e Cabral (2011) chamam a atenção para esta ambivalência do progresso técnico, que se apresenta como democratizador mas elimina formas populares de apropriação do território. A ponte, a marginal e os viadutos constituem símbolos de um urbanismo dominado pela velocidade e pela eficácia, incapaz de preservar a densidade simbólica da paisagem.

Este empobrecimento simbólico é denunciado por Françoise Choay (O Urbanismo: Utopias e Realidades. Uma Antologia, 1994), que critica os discursos modernizadores por anularem o potencial narrativo da cidade. A paisagem ribeirinha entre Algés e a Cruz Quebrada constitui um exemplo desta mutilação, onde a água se tornou invisível enquanto matriz espacial. Os seus potenciais enquanto espaço público, elemento identitário e suporte ecológico foram ignorados em benefício de uma urbanização acelerada, que privilegiou a mobilidade automóvel e a segregação funcional.



Fig. 25 - Vista da Praia da Cruz Quebrada fotografada do Alto de Caxias
ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA, SETÚBAL E SESIMBRA

A ausência de uma governação metropolitana eficaz tem perpetuado a desarticulação entre os vários níveis administrativos. Victor Matias Ferreira (2006) sublinha que “a falta de coordenação metropolitana constitui um problema estrutural que impede uma abordagem holística do território ribeirinho”. A sobreposição de competências entre os municípios de Lisboa e Oeiras, bem como entre diferentes entidades com jurisdição sobre a faixa costeira, dificulta intervenções coerentes e integradas, alimentando a inércia e a fragmentação do território.

É neste contexto que o projeto de reconexão territorial entre Algés e Cruz Quebrada adquire uma importância reforçada. A proposta de reposicionar a marginal para além da linha férrea, criando uma sequência territorial contínua entre o rio, a plataforma pública e a cidade, vem romper com o modelo tecnocrático atualmente dominante. Em vez de um espaço marcado pela exclusão e pelo trânsito, propõe-se uma frente ribeirinha vivida, polivalente e aberta à apropriação quotidiana. Esta estratégia contraria a tendência de “urbanização” denunciada por Álvaro Domingues (A Rua da Estrada, 2012), recuperando a escala humana, o valor das práticas informais, como a pesca ou os passeios e o sentido de pertença ao lugar.



Fig. 26 -Vista aérea da Praia de Pedrouços no início das obras da doca - ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA, SETÚBAL E SESIMBRA

A análise do contexto territorial entre Algés e Cruz Quebrada evidencia um processo prolongado de afastamento físico e simbólico entre cidade e rio. Neste cenário, a água deixou progressivamente de desempenhar o seu papel estruturante na identidade local. A erosão dessa relação manifesta-se tanto na deterioração da qualidade espacial como no enfraquecimento da memória coletiva associada aos lugares ribeirinhos. Inverter esta tendência implica uma ação crítica sustentada por uma leitura atenta das múltiplas camadas históricas, geográficas e simbólicas ainda presentes no território. Nesta perspetiva, a água é entendida não apenas como recurso natural mas sobretudo enquanto elemento mediador capaz de reatar vínculos entre espaço construído, temporalidades diversas e experiências quotidianas dos cidadãos.

MEMÓRIA COLETIVA E ARQUITETURA: PROCESSOS DE (RE)MEMORIZAÇÃO NA ORLA COSTEIRA



Fig.27 - Praia de Algés, meados século XIX, Sem Autor

“(...) espantos a quantidade de pessoas fazendo uso do banho (...) onde vão muitos botes com banhistas, até às aristocráticas e elegantes praias da Junqueira, Belém, Pedrouços, Cruz Quebrada, Caxias, Paço de Arcos e Cascais”

(Diário de Notícias, 1869, 14 de setembro, p. 2).

A orla costeira entre Algés e Cruz Quebrada, enquanto interface entre cidade e mar, configura-se como um território de tensões históricas, sociais e infraestruturais. Este fragmento do tecido urbano lisboeta, moldado por camadas geológicas e intervenções humanas, apresenta atualmente uma acentuada fragmentação tanto a nível funcional como simbólico. Contudo, a sua condição de margem encerra igualmente um potencial considerável para uma reinvenção crítica da memória coletiva, convocando a arquitetura como mediadora entre o passado, o presente e o futuro.

“praias do Dafundo e Cruz Quebrada tem dado o mais bonito passeio que se pode dar (...) Não há palavras que digam todas as belezas daquela terra, daquele céu, daquelas águas. À esquerda do Tejo os navios que entram e saem, as frotas de barcos pescarejos, a areia alva junto à beira da água (...) À direita nas eminências, as ruínas pitorescas de conventos desertos, de moinhos abandonados, de fortes, de atalaias. E tudo isto encastado na verdura viçosa e florida da Primavera...” (Garret, 1943, pp. 159-160)

A arquitetura, neste contexto, deve operar não como um instrumento de conservação mimética, mas enquanto dispositivo de rememoração ativa. A proposta não consiste em preservar o passado num estado fossilizado, mas antes em reatualizar a memória através de experiências físicas e simbólicas que possam reinscrever o território na vivência coletiva contemporânea. Pierre Nora, sublinha a importância de distinguir entre “lugares de memória” e “memória viva”: os primeiros encontram-se institucionalizados e museificados; a segunda manifesta-se enraizada no quotidiano, nos gestos e na prática (Nora, 1989). A arquitetura pode assumir-se como catalisador desta memória viva ao propor usos e espacialidades que recativem os significados latentes do lugar.

Neste processo, é fundamental evitar o mimetismo nostálgico habitualmente associado à reabilitação historicista. A recuperação da memória não implica a reprodução formal de elementos históricos, mas sim a criação de novas presenças simbólicas ancoradas na ausência. Esta ausência pode converter-se numa potência poética — evocando aquilo que já não se encontra presente, mas continua a ressoar no imaginário coletivo. Como defende Juhani Pallasmaa, a arquitetura deve aceder à memória por via da experiência sensível, permitindo ao corpo recativar ligações emocionais e preceptivas com o lugar (Pallasmaa, 2005).

A orla marítima, enquanto zona de transição, detém uma carga simbólica e sensorial singular. A água, elemento em perpétuo movimento, assume simultaneamente o papel de limite e de conector, de ausência e de presença, de esquecimento e de memória. Reintegrar a água como matéria viva da arquitetura revela-se essencial para a edificação de um projeto que articule passado e futuro. A experiência corporal do espaço — caminhar, tocar, sentir — deve ser recuperada como meio privilegiado de evocação da memória. Conforme sustenta Pallasmaa, é no corpo que a arquitetura se realiza plenamente e é nele que a memória encontra o seu ancoradouro (Pallasmaa, 2005).



Fig.28 - Algés - estação de comboios e praia , ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA

A memória deve ser entendida como matéria viva, permanentemente moldada por colisões temporais entre aquilo que permanece e aquilo que se altera. Longe de representar uma estabilidade ilusória, a memória manifesta-se como um campo marcado por tensões dinâmicas, no qual diversos tempos se cruzam e se reorganizam mutuamente. Kevin Lynch, sublinhava que o valor simbólico dos lugares reside precisamente na sua aptidão para articular continuidade com transformação, permitindo que a cidade seja interpretada como um texto sujeito a incessante reescrita (Lynch, 1972). Neste sentido, o projeto de arquitetura deverá promover uma continuidade inventiva, capaz de fazer entoar o passado sem recorrer à sua mera repetição literal. Lynch sustentava que o ambiente construído não constitui um palco neutro, tratando-se antes de um arquivo vivo da memória coletiva. A identidade de cada lugar depende da forma como este é capaz de preservar, interpretar e transmitir tal memória através da sua configuração física e simbólica.

Neste sentido, o território da orla entre Algés e Cruz Quebrada pode ser entendido como um palimpsesto, no qual as camadas do passado, mesmo apagadas ou soterradas, permanecem latentes e suscetíveis de reinterpretação. As infraestruturas ferroviárias, os vestígios industriais e os antigos caminhos de água esquecidos constituem inscrições que podem ser reinscritas. Conforme defende Andreas Huyssen, é fundamental ler a cidade como um arquivo sensível, onde a memória não é apenas preservada mas também transformada e projetada (Huyssen, 2003).

Intervir neste território implica igualmente assumir uma postura crítica relativamente aos processos históricos de marginalização urbana e segregação funcional que caracterizaram a frente ribeirinha. A proposta de um novo percurso-paisagem — situado entre a memória e o corpo — procura restituir centralidade simbólica a um espaço periférico, reconectando-o à cidade e às suas narrativas. Esta reconfiguração, longe de se limitar ao plano estético, constitui um ato político e poético que afirma o direito à memória como expressão do direito à cidade.

O projeto não se limita à definição de formas, antes procura ativar possibilidades de encontro, evocação e escuta. Por intermédio de dispositivos arquitetónicos, como bancos, miradouros, percursos ou plataformas flutuantes, propõe-se um conjunto de situações que convidam à pausa, à contemplação e a uma renovada atenção ao quotidiano. Este quotidiano transforma-se, assim, no lugar privilegiado da memória viva, onde a experiência se sobrepõe ao valor monumental e a presença corporal assume primazia face à representação abstrata.

A orla entre Algés e Cruz Quebrada constitui um território de memória projetada, onde a coexistência de camadas geológicas, sociais e infraestruturais representa não um obstáculo, mas antes uma oportunidade. A água, neste contexto, não se apresenta apenas como cenário, mas antes como matéria vital da identidade urbana futura. A sua presença deve ser celebrada, explorada e revelada — não enquanto mero pano de fundo turístico, mas enquanto elemento sensível, histórico e simbólico. Este território exige uma arquitetura que escute, traduza e provoque — uma arquitetura que compreenda o projeto como ato simultâneo de escavação e invenção, reinterpretação do passado e proposta para o futuro.



Fig.29 - Algés - estação de comboios e praia , ARQUIVO DOS PORTOS DE LISBOA



PRAIA DE BANHOS EM ALGÈS—Dentro d'agua



PRAIA DE BANHOS EM ALGÈS—Passantes

Fig.30 e 31 - Imagens Praia de Algés , 1960 , Sem Autor

Habitar a memória é habitar o tempo. O projeto deve tornar-se um campo de diálogo entre tempos diversos, onde a memória não seja um fardo nem uma ruína, mas uma energia ativa, convocada para reinventar o presente. Em vez de recair no saudosismo ou na tábua rasa, importa assumir a tensão criativa entre permanência e transformação.

Neste processo, o corpo, a água, a matéria, os gestos quotidianos e os vestígios esquecidos convergem para formar uma nova topografia simbólica. A arquitetura, nesse contexto, não é apenas abrigo ou forma, é gesto de rememoração ativa, é território sensível de reinvenção coletiva.

DO LUGAR À MATÉRIA HÍDRICA: LEITURAS SENSORIAIS, ATMOSFÉRICAS E PROGRAMÁTICAS

A reaproximação entre a cidade e a água não se concretiza através do mero desenho arquitetónico ou urbanístico, mas funda-se, antes de mais, numa atitude ética e fenomenológica que exige uma escuta atenta ao lugar. Habitar o território pressupõe um envolvimento sensorial profundo, ultrapassando a visão para integrar o tato, o olfato e a audição. Esta abertura ao sensível permite apreender a presença da água para além do que é imediatamente visível, reconhecendo-a como elemento vivo e portador de memória.

Nas minhas explorações pelo território, os registos fotográficos evidenciaram a centralidade da água: o horizonte que revela a margem oposta, Almada; as pessoas que se banham ou tomam sol; os corredores e ciclistas que percorrem a orla, estabelecendo uma relação tácita com o espaço. A água mantém um simbolismo enigmático e ancestral para o ser humano, funcionando como memória colectiva resistente mesmo perante as restrições impostas por placas proibitivas dos banhos. Assim, o lugar persiste como espaço reconhecido e vivido, onde a memória histórica encontra expressão no presente.

Inspirado por Gaston Bachelard, compreende-se a água como uma substância arquetípica que convoca imagens, memórias e estados interiores profundos. Na arquitetura, a água não se limita a ser um recurso ou elemento funcional, pois ativa atmosferas, corporiza experiências e inscreve vibrações sensíveis no espaço construído.



Fig. 32 - Local de Intervenção , Fotografia do autor, 2025



Fig. 33 - Semiotic Apocalypse , Sebastião Salgado 1986

Bachelard, na sua obra *L'eau et les rêves* (1942), aborda a água não sob o prisma científico, mas antes enquanto poeta-filósofo, atento ao seu impacto na psique humana. Para Bachelard, a água constitui a matéria fluida da imaginação, associada ao inconsciente, aos sonhos e à memória afetiva. As diversas manifestações da água, rios, chuvas, lagos, mares, produzem imagens poéticas distintas que despertam diferentes tipos de memória sensível, configurando-se como meio privilegiado de interiorização, recolhimento e sonho, servindo de substância para uma reflexão íntima e afetiva.

Peter Zumthor oferece uma contribuição fundamental para a compreensão da arquitetura como criadora de atmosferas que dialogam com a interioridade dos corpos e da mente. Para Zumthor, a presença da água deve ser entendida como um ritmo tátil, uma densidade emocional e um elemento poético que convoca corpo e espírito. Conforme salientado por Ursprung (2009), a arquitetura de Zumthor transcende a mera técnica ou funcionalidade, envolvendo uma complexa articulação entre fatores históricos, culturais, paisagísticos e sensoriais. Zumthor concebe espaços que despertam emoções e são sentidos através do toque, do olfato ou do som, evocando memórias e expectativas singulares em cada indivíduo. Privilegia a dimensão interior do espaço, reconhecendo que nela se estabelecem os vínculos mais profundos com o lugar.



Fig. 34 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra

A iluminação natural e as gradações de luz e sombra desempenham um papel central na construção dessas atmosferas, como se observa no Museu Kolumba ou nas Termas de Vals. Zumthor recusa a uniformidade proporcionada pela luz artificial em favor dos contrastes que revelam a materialidade dos elementos da arquitetura e intensificam a experiência emocional do espaço. Entrevistas realizadas junto dos visitantes confirmam que esta modulação lumínica ultrapassa o domínio visual para alcançar uma dimensão afetiva profunda.

Como refere Ursprung (2009 pág.1): À totalidade dos aspetos que compõem a qualidade dos ambientes dá-se o nome de atmosfera arquitetónica, conceito chave para a compreensão da obra do arquiteto suíço Peter Zumthor... A riqueza de sentidos envolvidos na percepção do ambiente conformado e as reflexões deflagradas pela composição espacial revelam a complexa trama de elementos arquitetónicos.

O acto de tomar banho transcende largamente o domínio da higiene pessoal para se afirmar como um ritual dotado de múltiplas camadas de sentido cultural, cívico e espiritual. Christie Pearson (2020) demonstra particular acuidade ao abordar esta realidade propondo que a arquitetura do banho é inseparável da performance do corpo no espaço construído. A sua afirmação de que “Bathing is architecture performed on and with the body”, sintetiza o entendimento de que o banho não só envolve práticas sociais partilhadas mas também uma profunda ligação à natureza circundante, à ideia de cura física ou anímica e à contemplação temporal.

A arquitetura dedicada ao banho revela-se enquanto dispositivo que organiza coreografias corporais através da regulação minuciosa de parâmetros como temperatura ambiente ou da água, aromas dispersos pelo vapor ou pela vegetação adjacente e sons que permeiam o espaço. Estes elementos contribuem para uma intensificação das percepções sensoriais associadas ao ato de banhar-se.



Fig. 35 - Kōji Yakusho as Hirayama in Perfect Days (2023).
Photo: Mastermind Ltd



Fig. 36 - Hubert Robert, "Ruins of a Roman Bath with Washerwomen" (after 1766)

No contexto romano antigo, as termas constituíam verdadeiros complexos arquitetônicos concebidos segundo uma lógica sequencial tanto funcional quanto simbólica: desde os exercícios físicos na palaestra até ao percurso pelos diversos ambientes — apodyterium (vestiário), tepidarium (sala morna), caldarium (sala quente), frigidarium (sala fria) — terminando na natatio exterior. Esta sucessão orientava o corpo numa trajetória térmica que se refletia igualmente numa experiência emocional graduada.

Vitrúvio salientava já no seu tratado a importância da orientação solar para o aquecimento eficiente destes espaços. Por sua vez Alberti viria mais tarde a enfatizar a dimensão pública dos banhos enquanto instâncias essenciais à vida coletiva: "Os banhos são necessários à convivência humana e aos prazeres honestos" (De Re Aedificatoria, IX, 5).

Tal compreensão permite reconhecer na arquitetura do banho um suporte funcional mas sobretudo um espaço público investido de significado simbólico capaz de reativar memórias coletivas e corporais. Esta capacidade adquire particular pertinência em cenários costeiros ou ribeirinhos nos quais a presença da água emerge como elemento estruturante tanto do território físico quanto das práticas sociais aí desenvolvidas.

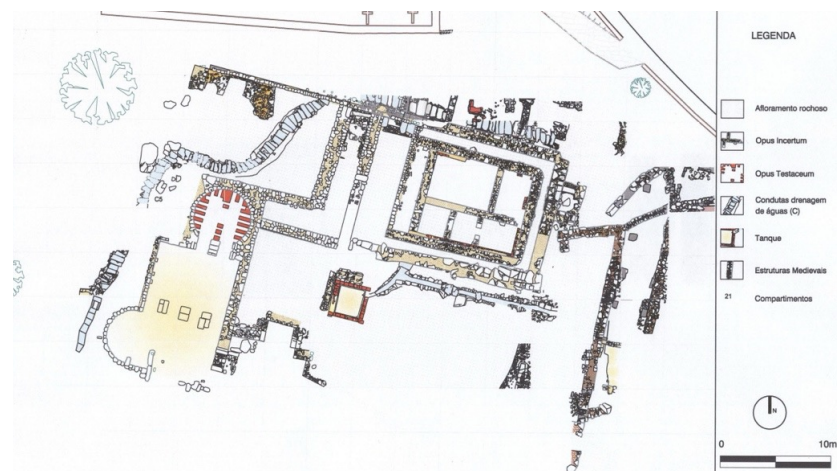


Fig. 37 - Planta Termas Mileu , Guarda , Portugal .

A compreensão do banho enquanto prática social, ritual e arquitetónica encontra raízes em diversas civilizações, assumindo os complexos termas romanos uma relevância central neste contexto. Estes espaços integravam dimensões fisiológicas, simbólicas e arquitetónicas, organizando uma sequência ritualizada que promovia a higiene, a convivência e a valorização da água enquanto elemento sagrado. Como referido anteriormente, As termas romanas eram compostas por ambientes distintos que estruturavam um percurso sensorial e térmico meticulosamente delineado (Nielson, 1979; Müller-Wiener, 1988). Este programa termal, para além da sua funcionalidade, reflectia valores culturais e sociais de grande profundidade, configurando o banho como espaço de regeneração física e de coesão comunitária.

Uma das tipologias de edifícios melhor documentadas pela investigação arqueológica relativa ao período romano corresponde às termas. Na década de 1950, durante as escavações realizadas junto à capela românica do Mileu, foram identificados vestígios de época romana, destacando-se, entre estes, um edifício situado a sul, composto por diversos compartimentos, um dos quais apresentava planta em absíde. Este conjunto foi posteriormente interpretado como um complexo termal, tendo sido reconhecida a estrutura do hipocausto, sistema de aquecimento formado por pilares de granito e tijolo com cerca de um metro de altura, sobre os quais assentava o pavimento das salas aquecidas. Sob este pavimento, o ar quente gerado em fornalhas próximas circulava livremente. Para além disso, foram identificados tubos de argila embutidos nas paredes que permitiam a difusão do calor pelos vários compartimentos do edifício.

Uma das tipologias de edifícios melhor documentadas pela investigação arqueológica relativa ao período romano corresponde às termas. Na década de 1950, durante as escavações realizadas junto à capela românica do Mileu, foram identificados vestígios de época romana, destacando-se, entre estes, um edifício situado a sul, composto por diversos compartimentos, um dos quais apresentava planta em abside. Este conjunto foi posteriormente interpretado como um complexo termal, tendo sido reconhecida a estrutura do hipocausto, sistema de aquecimento formado por pilares de granito e tijolo com cerca de um metro de altura, sobre os quais assentava o pavimento das salas aquecidas. Sob este pavimento, o ar quente gerado em fornalhas próximas circulava livremente. Para além disso, foram identificados tubos de argila embutidos nas paredes que permitiam a difusão do calor pelos vários compartimentos do edifício.

As fontes escritas da época romana confirmam a importância social, cultural e terapêutica do banho, evidenciando que este ritual se realizava num edifício organizado segundo uma sequência funcional específica. O percurso habitual começava com a aplicação de óleos no corpo e exercícios físicos, seguindo-se a entrada no *caldarium*, uma sala aquecida onde se tomava banho em água quente. Dali, o banhista passava para o *tepidarium*, de ambiente ténido, terminando no *frigidarium*, onde se fazia um banho de água fria. Este ritual, quotidiano para os romanos, associava-se não apenas a cuidados de higiene, mas também a práticas terapêuticas e de sociabilização.

A presença de estruturas deste tipo no interior da província da Lusitânia confirma a adoção, por parte das populações autóctones, dos costumes e modos de vida romanos. A disseminação de termas por vários locais, desde *vicus* e *villae* até pequenos assentamentos rurais, revela a necessidade, mesmo nas áreas periféricas do Império, de reproduzir o esplendor e a sofisticação das cidades, tanto através das técnicas construtivas e da organização espacial como pela utilização de materiais nobres, como o mármore. Este fenómeno evidencia a capacidade de apropriação cultural e sublinha a importância da arquitetura enquanto expressão e permanência simbólica do modelo urbano imperial em territórios afastados dos centros.



Fig. 38 - “Banho Turco” , Jean-Léon Gérôme, 1870

Paralelamente, as tradições orientais, como os hammams, onsens e jjimjilbangs, ilustram continuidades e variações transculturais na relação entre água, corpo e arquitetura. Os hammams, por exemplo, surgiram em Istambul enquanto adaptações urbanas à ausência de fontes termais naturais, constituindo espaços públicos destinados à purificação corporal, ao convívio social e ao ritual espiritual. A sequência do banho — esfoliação rigorosa (kese), massagem e imersão em água morna — ultrapassa a mera higienização, integrando um rito social e simbólico que é reforçado por uma arquitetura específica que distingue as diferentes fases do banho (Dege, 2010; Müller-Wiener, 1988).

Nos onsens japoneses, a água termal natural é compreendida como um elemento purificador do corpo e da alma, inserida num contexto ambiental que acentua a ligação contemplativa com a natureza. Esta relação simbiótica entre arquitetura e paisagem natural proporciona uma experiência sensorial íntima, na qual o silêncio e a introspeção assumem particular relevância (Yoshida, 2014). Por sua vez, os jjimjilbangs sul-coreanos ilustram a contemporaneidade do banho enquanto espaço polivalente e social, conjugando banhos, saunas temáticas, zonas de convívio e entretenimento, funcionando como microcidades interiores que promovem o relaxamento coletivo e a diversidade sensorial (Kim, 2018).

Estes modelos históricos e transculturais salientam a universalidade do banho enquanto espaço de mediação entre corpo, cultura e território, articulando a arquitetura como instrumento sensível que ultrapassa a mera funcionalidade e se inscreve na dimensão simbólica e performativa do corpo social.

No cenário atual, a água emerge como um elemento de memória sensível profundamente enraizado no território, revelando-se através de vestígios atmosféricos e tácteis que questionam a fragmentação induzida pelos dispositivos técnicos associados ao planeamento urbano. Em áreas como Algés–Cruz Quebrada, esta presença aquática manifesta-se de forma discreta em detalhes como as escadas marcadas pela humidade, os sons característicos do ambiente ribeirinho ou a maresia que impregna o ar, indícios subtis que persistem perante a tendência para a invisibilidade urbana. Estas marcas sensoriais funcionam como mediadores poéticos capazes de convocar novas leituras da paisagem, tal como propõe Caseiro (2017), promovendo uma aproximação estética e fenomenológica ao território.

As expressões atmosféricas e tácteis associadas à água oferecem assim um fundamento concreto para reintroduzir poeticamente este elemento no tecido urbano. Esta operação permite recuperar uma dialética entre natureza e edificado, entre corporeidade e espacialidade habitada. A memória hídrica adquire deste modo uma relevância que ultrapassa a mera evocação do passado, configurando-se enquanto ato de resistência sensível diante dos processos de homogeneização espacial que tendem a apagar as singularidades afetivas dos lugares. Ao valorizar estas inscrições aquáticas na experiência urbana contemporânea, torna-se possível restituir ao espaço uma densidade emocional frequentemente desvalorizada pelos paradigmas funcionais do urbanismo dominante.



Fig. 39 - Hammam Essalihine, banho romano de 2000 anos ,Argélia.



Fig. 40 - Ginza Onsen Fujiya, 2008, Kengo Kuma.

A abordagem arquitetônica contemporânea dedicada ao tema do banho distingue-se por evitar qualquer mera repetição formal das tipologias históricas conhecidas, orientando-se antes para uma revitalização simbólica e ambiental do território onde se insere. Neste enquadramento conceptual, a arquitetura dos espaços de banho estrutura-se em torno de três dimensões essenciais para a experiência do utilizador:

- Espacial: A inserção poética no litoral ou no contexto natural, valorizando as qualidades sensoriais do ambiente imediato.
- Atmosférica: A criação de experiências corporais sensíveis que envolvem o banhista em estados variados de percepção térmica, tátil e sonora, favorecendo uma imersão sensorial profunda.
- Programática: A reintegração de rituais tradicionais de imersão, descanso e convivialidade, adaptando-os às necessidades e comportamentos contemporâneos.

Consequentemente, o edifício destinado ao banho assume-se como um agente mediador entre o corpo humano e o território circundante. Ao traduzir as características específicas desse território em vivências corporais renovadas e em programas funcionais ajustados ao presente, este tipo de arquitetura confere à água um papel central enquanto substância vital e dinâmica no quotidiano dos seus utilizadores. Desta forma, reforça-se uma leitura da água não apenas como elemento natural mas também enquanto matéria ativa capaz de transformar hábitos, percepções e relações com o espaço habitado.



Fig. 41 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra

Implantada nos recônditos Alpes Suíços, a Therme Vals, concebidas por Peter Zumthor e concluídas em 1996, manifesta-se como uma investigação poética acerca da confluência entre arquitetura, natureza e percepção sensorial humana. Esta realização distingue-se pelo seu rigor minimalista aliado a uma monumentalidade subtil que lhe confere presença sem jamais se impor à envolvente natural. O reconhecimento internacional que granjeou advém precisamente da sua capacidade para se fundir com a paisagem circundante, oferecendo um refúgio dedicado à contemplação silenciosa e ao recolhimento introspetivo. No conjunto da obra de Zumthor, a Therme Vals assume um papel central enquanto expressão depurada da sua abordagem disciplinar, nela se evidenciando uma articulação cuidada entre materialidade construtiva, atmosfera espacial e pertença ao lugar, princípios que convertem o quotidiano da arquitetura numa vivência profundamente transformadora.

No contexto atual, torna-se perceptível uma tensão inerente à arquitetura dos espaços de banho. Constata-se que certos projetos tendem para uma valorização das experiências sensoriais sofisticadas e para a seleção criteriosa dos materiais, um caminho percorrido exemplarmente nas Therme Vals, onde luz natural filtrada, texturas pétreas e acústica controlada confluem para criar ambientes imersivos dotados de um grande poder evocativo (Zumthor, 1998). Estes espaços redefinem o ato do banho enquanto prática singularizada pelo apuro preceptivo e pela elevação estética da experiência do quotidiano.

A luz natural no edifício é cuidadosamente conduzida e filtrada. Penetra através de aberturas discretas e é refletida pela água e pelas superfícies minerais, criando uma atmosfera de recolhimento e suspensão temporal (Peter Zumthor, em entrevista sobre a Therme Vals, 1996). Zumthor desenha aberturas na cobertura e nas paredes que permitem a entrada da luz de forma indireta e controlada, originando zonas de sombra, brilho difuso e reflexos que se fundem com a água, conferindo ao espaço um carácter quase ritual. O som assume igualmente um papel fundamental na construção da atmosfera do espaço. A acústica — suave, ressonante e ligeiramente abafada — intensifica a sensação de recolhimento e serenidade. O murmúrio contínuo da água e o discreto eco dos passos ao longo dos corredores de pedra contribuem para um ambiente pacífico, afastando o visitante do ruído e das distrações do quotidiano.



Fig. 42 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra



Fig. 43 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra

O arquitecto sublinha que, na Therme Vals, a água ultrapassa a função utilitária para se tornar numa experiência sensorial, sonora e táctil, integrando-se com a luz e a pedra para construir a atmosfera do lugar. “A água não é apenas um elemento funcional. É o coração emocional do edifício, uma substância viva que determina o ritmo, o som e a atmosfera do lugar.” (Peter Zumthor, *Atmospheres*, 2006).

Por outro lado, assiste-se a uma revalorização crescente do banho público enquanto infraestrutura urbana promotora de regeneração, especialmente em contextos pós-industriais associados a frentes fluviais, onde o banho se reconstrói como espaço de inclusão social, saúde pública e dinamização comunitária (Biddulph, 2020). Este regresso ao banho coletivo expressa uma dimensão social e urbana da prática do banho, em claro contraste com a sua privatização e elitização. Esta dualidade evidencia as múltiplas potencialidades do banho contemporâneo, que pode constituir-se simultaneamente como objeto de experimentação da arquitetura e instrumento de renovação urbana e social.



Fig. 44 - Termas de Vals (Therme Vals), 1996, de Peter Zumthor, fotografia Fernando Guerra

Na arquitetura do banho a água assume-se cada vez mais enquanto matéria ativa e dotada de valor simbólico. Neste enquadramento contemporânea, o banho público não se limita à função higiênica ou utilitária, antes se afirma como expressão de hospitalidade sensorial, evidenciando uma atitude de escuta atenta ao território envolvente e aos corpos que o frequentam. A prática arquitetónica do banho revela-se assim num duplo registo ético e estético. A água emerge como estrutura simbólica capaz de articular temporalidades distintas, passado e presente, bem como domínios aparentemente opostos como natureza e cultura ou corpo e lugar. Esta reconceptualização da água enquanto matéria viva permite-lhe conferir à arquitetura uma dimensão fenomenológica profundamente sensível e relacional. Neste sentido, torna-se possível perspetivar uma renovada ecologia dos sentidos, onde o espaço construído se abre à possibilidade de novas formas de perceção e interação (Tschumi, 1994; Pallasmaa, 2012).

PROJECTAR A MEMÓRIA: UM EDIFÍCIO DE BANHOS PÚBLICOS COMO DISPOSITIVO DE REESCRITA TERRITORIAL

O presente projeto insere-se num território urbano consolidado, situado entre o Jamor e o Passeio Marítimo de Algés, caracterizado por condicionantes físicas e históricas significativas, nomeadamente a linha férrea Lisboa-Cascais e a antiga Estrada Nacional 6, conhecida como “avenida marginal”, que, ao longo das décadas, têm limitado e fragmentado a relação da cidade com a frente ribeirinha do Tejo. Este exercício académico, desenvolvido no âmbito do 5.º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura, foi realizado no contexto do ateliê orientado pelo Professor Jorge Mealha, sob o mote “Jangada de Pedra”, tendo como objetivo (re)imaginar este troço da frente marítima, propondo um novo aterro multifuncional que articule habitação, comércio, equipamentos públicos, zonas verdes e áreas balneares.

No seio desta proposta, o edifício de banhos públicos assume-se como um dispositivo hermenêutico, capaz de reinterpretar e reativar relações históricas, culturais e espaciais que, ao longo do tempo, foram sendo desfeitas entre as comunidades locais e o rio. Mais do que recuperar as antigas práticas balneares da praia de Algés e da Cruz Quebrada, pretende-se conferir-lhes um novo significado contemporâneo, capaz de homenagear o passado sem cair numa nostalgia literalista, e de oferecer à cidade um equipamento público ancorado na memória coletiva e nos valores sensoriais da experiência da arquitetura.



Fig. 45- Proposta de Plano Urbano, Desenho do autor, 2025.
(imagem provisória)



Fig. 46 -Proposta de Plano Urbano, Desenho do autor, 2025.

As principais condicionantes do território resultam da presença de barreiras físicas, nomeadamente a linha férrea e a marginal, infraestruturas que, ao longo do tempo, limitaram significativamente a acessibilidade e o usufruto pleno da margem. Uma das decisões estratégicas fundamentais consistiu na reformulação do traçado da marginal, tradicionalmente localizada entre o tecido habitacional e o rio. Propôs-se o desvio desta infraestrutura para além da linha férrea, invertendo a sequência espacial estabelecida e restituindo o protagonismo ao Tejo. Desta forma, o novo ordenamento territorial estabelece a seguinte sequência: rio Tejo, novo aterro, nova marginal e, por fim, a linha de comboio. Esta inversão possibilita a transformação da faixa anteriormente ocupada pela marginal num corredor urbano destinado à fruição e apropriação coletiva, concebido à escala do peão e compatível com os usos quotidianos e balneares.

A nova marginal foi concebida como uma via de trânsito lento, composta por quatro faixas de rodagem, duas em cada sentido, separadas por um separador central arborizado. Integra ainda ciclovias, passadeiras pedonais e zonas de estadia. Este redesenho, para além de reduzir o ruído e a velocidade do tráfego automóvel, devolve à população um espaço de relação direta com o rio, incorporando largos passeios arborizados, áreas de esplanada e zonas ajardinadas, estrategicamente posicionadas para mitigar o impacto visual e acústico da linha férrea e permitir uma fruição mais livre da frente ribeirinha.

O aterro proposto transcende a sua função de mero suporte físico ou técnico. Ao assumir-se como uma infraestrutura de mediação, estabelece conexões significativas entre o tecido urbano e o domínio fluvial, entre o legado histórico e a contemporaneidade, bem como entre a comunidade e o espaço público. A sua morfologia resulta da extensão e reinterpretação das linhas de força do tecido urbano pré-existente, prolongadas em direção ao Tejo. Desta operação emergem doze plataformas horizontais, cujas larguras variam entre 100 e 200 metros, apresentando desníveis suaves e distribuindo-se ao longo de cerca de cinquenta metros na direção do rio. Estas plataformas, articuladas por pátios e zonas de transição, desempenham simultaneamente o papel de suporte programático e de infraestrutura balnear, promovendo a mediação da transição entre a cidade e a água.

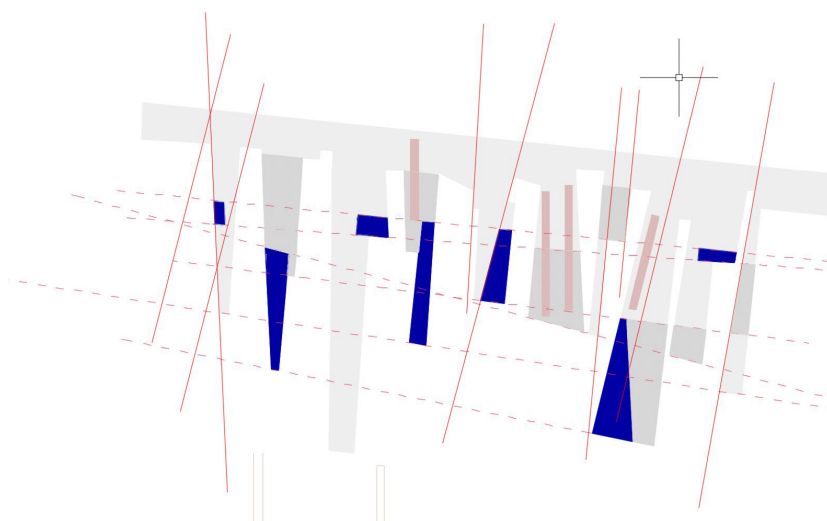


Fig. 47 - Estudos da forma Plano Urbano, Desenho de grupo, 2025.

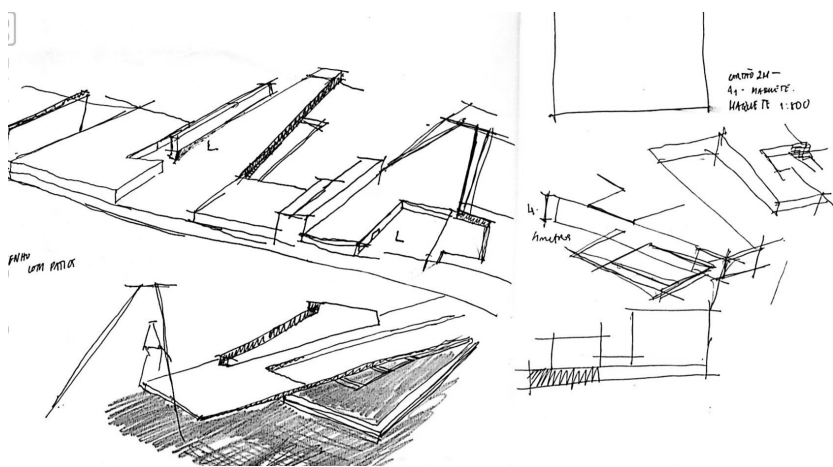
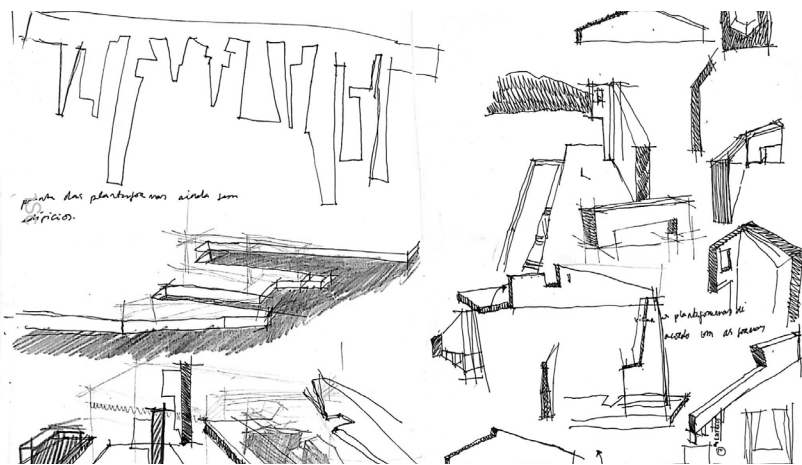
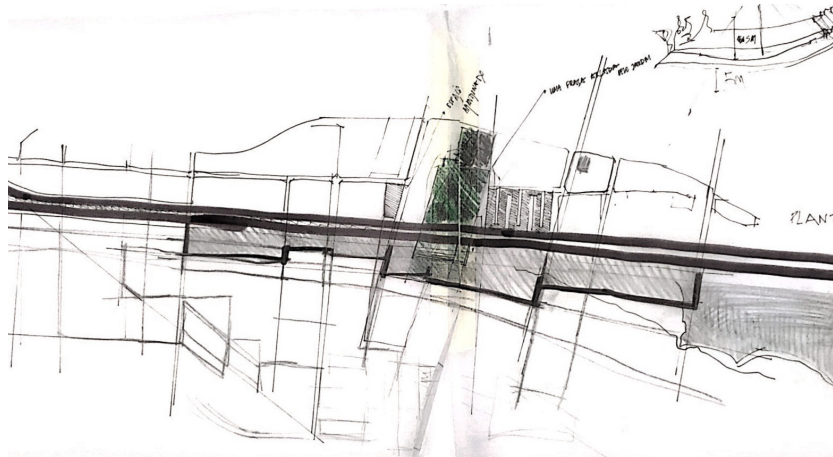


Fig. 48, 49 e 50 - Estudos da forma Plano Urbano, Desenho de autor, 2024.

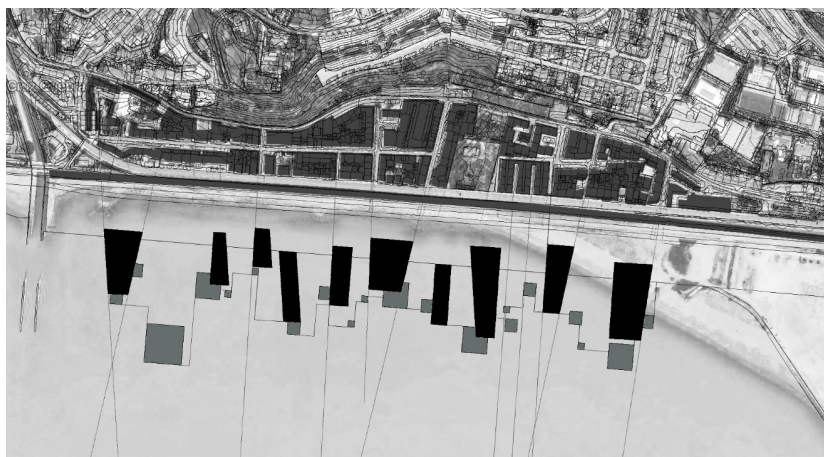


Fig. 51, 52 e 53 - Esquissos e Estudos da forma do plano urbano.



Fig. 54 - Praia da Azarujinha, linha de Cascais, Teresa Thomaz , 2023

A definição do traçado das plataformas resultou da análise atenta dos usos informais atualmente observados ao longo da margem, onde pescadores, atletas, banhistas e transeuntes, apesar das restrições e da poluição, persistem na apropriação quotidiana da linha de água. Inspirando-se em exemplos como os pontões de Cascais e os degraus da Ribeira das Naus, procurou-se conferir legitimidade e qualidade a estes gestos espontâneos de apropriação, integrando zonas balneares nas próprias plataformas. O projeto contempla, assim, piscinas naturais em pedra, concebidas a partir de estudos batimétricos, cuja profundidade se adapta ao ciclo das marés, permitindo que estes espaços se apresentem ora como plataformas secas, ora como corpos de água banhar, dinâmicos e sensoriais.

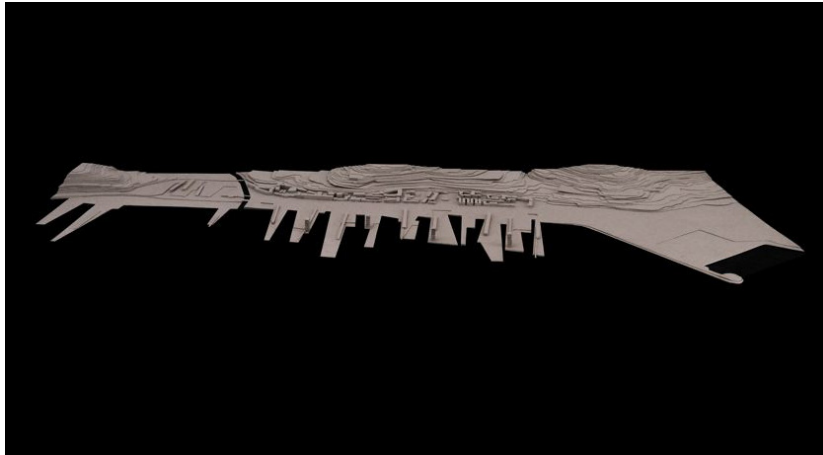


Fig. 55 e 56 - Maquete proposta de Plano urbano escala 1.2000

O edifício de banhos públicos, implantado no prolongamento destas plataformas, resulta de uma interpretação contemporânea da tradição termal mediterrânica, sendo particularmente influenciado pela tipologia das termas romanas, cuja relevância histórica e simbólica permanece incontestável no imaginário coletivo do banho. A composição espacial retoma as sequências térmicas clássicas, desde o apodyterium até ao frigidarium, passando pelo caldarium, reinterpretando estes espaços à luz das acuais práticas de bem-estar e de uma relação privilegiada com o exterior, elemento essencial na arquitetura contemporânea de lazer e saúde.

A organização do edifício estrutura-se em três níveis, refletindo a progressão térmica característica das termas históricas. No piso -1 encontra-se o apodyterium, espaço de despojamento e preparação, que marca o início do percurso ritualizado do utilizador. Este ambiente, cuidadosamente desenhado, promove uma transição gradual entre o quotidiano e a experiência termal, sublinhando a importância do limiar e do rito de passagem.

A partir deste ponto, o visitante é conduzido ao caldarium, um conjunto de salas quentes que integra sauna, banho turco e zonas de repouso, todas caracterizadas por uma atmosfera saturada e envolvente, onde as altas temperaturas induzem um estado de relaxamento profundo e preparam o corpo para a etapa seguinte. Esta densidade sensorial é potenciadora de um efeito terapêutico, antecipando a imersão nas águas quentes.

No piso 0, a permanência no ambiente quente prolonga-se numa sala generosa, dotada de um tanque de águas a cerca de 40 °C, que constitui a derradeira fase do caldarium. Este espaço foi pensado para permitir uma transição gradual, potenciando a continuidade dos benefícios do calor antes da descida térmica, elemento fundamental para a eficácia do percurso termal.

O piso 1 destaca-se como o núcleo central do projeto, congregando uma diversidade de atmosferas térmicas e volumétricas sem paralelo nos restantes níveis. A conceção espacial assenta numa estratégia de subtração e sobreposição entre os diferentes pisos, gerando pé-direitos variáveis e profundidades distintas nas piscinas, o que enriquece significativamente a espacialidade do conjunto. Esta variação volumétrica valoriza a experiência do espaço e intensifica a dimensão sensorial e imersiva, oferecendo um percurso dinâmico, em diálogo com a envolvente e com as diferentes qualidades da luz, da temperatura e da matéria.

Neste nível, o percurso espacial orienta o visitante desde a sala de águas quentes até ao tepidarium, espaço de temperatura moderada que antecipa a transição para o frigidarium, ambiente dedicado às águas frias. A disposição sequencial destes espaços é evocativa do ritual termal romano, onde a progressiva adaptação térmica do corpo era entendida como parte integrante do processo de purificação e regeneração. Este piso inclui ainda zonas de repouso ao ar livre, bem como um tanque exterior, solução frequentemente adotada nas termas da Antiguidade, que reforça a continuidade entre interior e exterior e amplia a experiência sensorial do espaço. Acresce a existência de uma área de banhos de gelo, elemento que resulta de um diálogo entre a tradição romana e a cultura termal japonesa, reconhecendo o valor ancestral e contemporâneo do contraste térmico enquanto prática regenerativa e promotora do equilíbrio físico e mental.

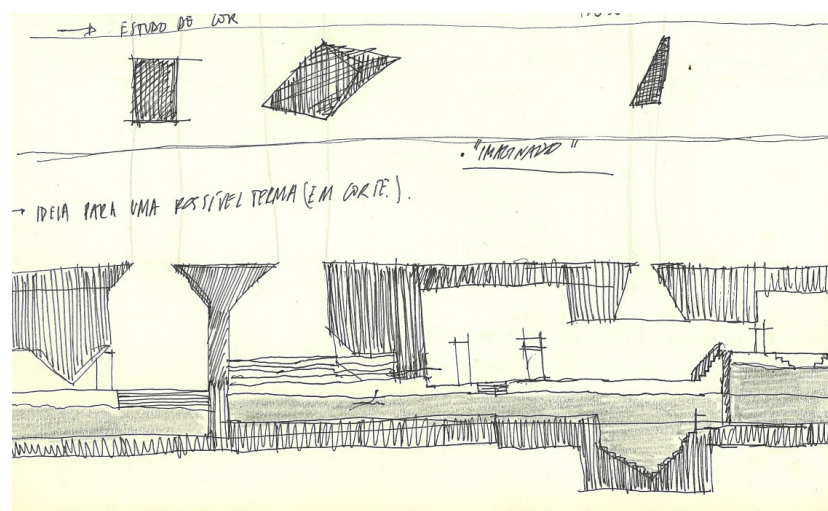


Fig. 57 - Esquissos de estudo do edifício termal. .

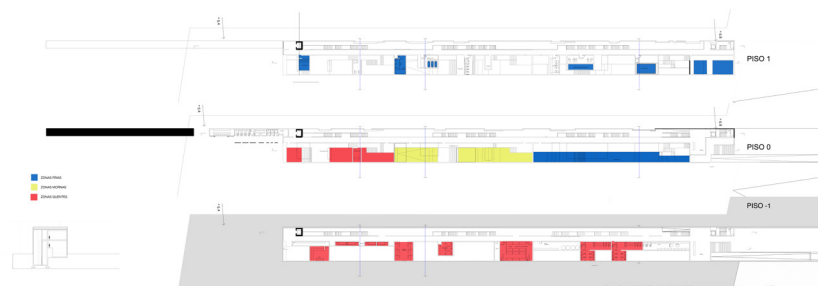


Fig. 58 - Plantas 1.200 do edifício termal e esquema de zonas quentes, mornas e frias.

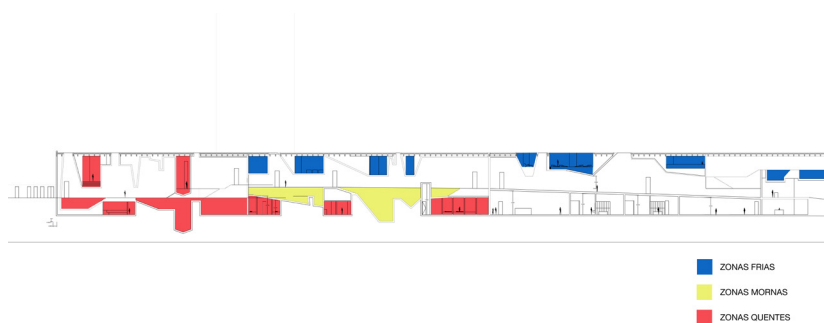


Fig. 59 - Corte 1.200 do edifício termal e esquema de zonas quentes, mornas e frias.

Neste nível, o percurso espacial orienta o visitante desde a sala de águas quentes até ao tepidarium, espaço de temperatura moderada que antecipa a transição para o frigidarium, ambiente dedicado às águas frias. A disposição sequencial destes espaços é evocativa do ritual termal romano, onde a progressiva adaptação térmica do corpo era entendida como parte integrante do processo de purificação e regeneração. Este piso inclui ainda zonas de repouso ao ar livre, bem como um tanque exterior, solução frequentemente adotada nas termas da Antiguidade, que reforça a continuidade entre interior e exterior e amplia a experiência sensorial do espaço. Acresce a existência de uma área de banhos de gelo, elemento que resulta de um diálogo entre a tradição romana e a cultura termal japonesa, reconhecendo o valor ancestral e contemporâneo do contraste térmico enquanto prática regenerativa e promotora do equilíbrio físico e mental.

A integração de uma sala dedicada à hidroterapia expressa uma abordagem multidisciplinar à saúde e ao bem-estar, recorrendo à água sob diversas temperaturas, pressões e dinâmicas, de modo a proporcionar benefícios comprovados em termos de relaxamento, reabilitação física e promoção do equilíbrio geral do organismo. A valorização da imersão em água fria, cuja eficácia é hoje amplamente reconhecida pela investigação científica, permite articular práticas ancestrais com abordagens inovadoras.

Neste contexto, o edifício transcende uma reinterpretação formal das termas antigas, atualizando a sua lógica ritual e sensorial e propondo uma verdadeira coreografia térmica, na qual o corpo ocupa o centro da experiência da arquitetura.

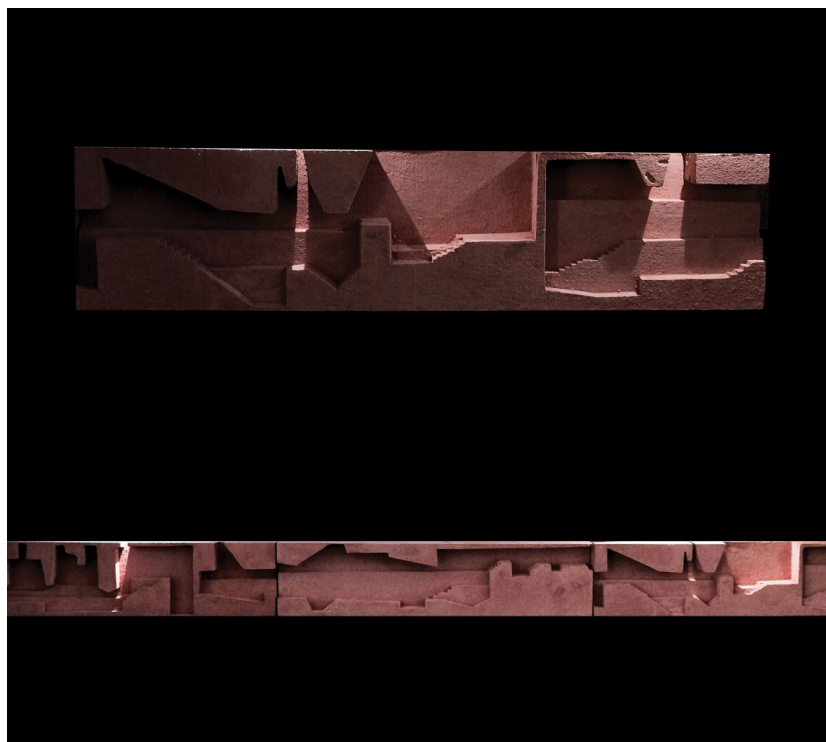


Fig. 60 e 61-Maquete física do edifício termal. Fotografia e maquete do autor. (imagem provisória)

A concepção do projeto foi influenciada pela arquitetura da Therme Vals, de Peter Zumthor, enquanto obra reveladora do modo como a arquitetura pode conduzir o corpo por uma sucessão de atmosferas sensoriais, onde a água, a pedra e a luz se combinam para criar uma experiência quase litúrgica. A organização dos diferentes pisos e salas foi pensada para potenciar percursos sensoriais que permitam ao corpo atravessar atmosferas contrastantes, cada uma caracterizada por uma determinada qualidade de luz, som, textura e temperatura. A distribuição do edifício em três níveis, articulados por desníveis e aberturas, promove relações visuais e físicas entre os diversos espaços, valorizando a espacialidade e a diversidade térmica enquanto elementos fundamentais da experiência da arquitetura, colocando-a ao serviço de uma vivência plena e consciente do corpo e dos sentidos.

O cuidado com materialidade, concretizada através do uso de betão pigmentado com tons ocres, à luz natural, aos reflexos e à variação térmica, reflete a preocupação em criar uma arquitetura densa e táctil, que não se limita a ser cenário, mas envolve o corpo e convoca todos os sentidos, retomando a crítica de Pallasmaa à hegemonia do visual na arquitetura contemporânea.

No plano teórico, os tratados de Vitruvio e de Alberti mantêm-se enquanto pilares incontornáveis para a análise do banho enquanto prática que interliga, de modo intrínseco, as dimensões física e espiritual da experiência humana. Alberti, em particular, ao longo do Livro IX da sua obra *De Re Aedificatoria*, enfatiza que os banhos devem ser concebidos para proporcionar prazer corporal e restabelecimento anímico, salientando que constituem lugares onde o indivíduo se desprende das inquietações quotidianas, reencontrando-se com a natureza. Esta leitura humanista, que interpreta o ato de banhar-se como um momento de suspensão do tempo profano e de reconciliação com a ordem natural, atravessa de forma transversal o pensamento renascentista e continua a ser relevante nos debates contemporâneos sobre o espaço do banho.

Neste enquadramento, a água adquire uma centralidade enquanto elemento ritual e símbolo de purificação, regeneração e pertença coletiva. O projeto, ao recuperar esta matriz conceptual, atribui à água uma função estruturante, capaz de organizar o espaço e de lhe conferir sentido, afirmando-se como catalisadora de experiências transformadoras, tanto no plano individual como no coletivo. O edifício, ao configurar-se como um lugar de convergência entre corpo, espírito e paisagem, reinterpreta os ensinamentos dos tratados clássicos, atualizando-os à luz das exigências e sensibilidades contemporâneas. Deste modo, a proposta não honra a tradição humanista e inscreve-se num horizonte de inovação, onde a água, enquanto mediadora, potencia processos de regeneração urbana, social e afetiva, renovando o significado do banho na arquitetura contemporânea.

A solução proposta para o aterro assenta na utilização de betão permeável, uma escolha que pretende favorecer práticas de drenagem urbana sustentável, ao mesmo tempo que potencia o reabastecimento dos lençóis freáticos, mitigando impactos hidrológicos frequentemente associados à impermeabilização dos solos urbanos. No que respeita ao edifício de banhos, optou-se por uma estrutura de betão pigmentado, cuja matriz conceptual se inspira na obra de Valerio Olgiati, evidenciando uma abordagem de carácter mineral, densa e arquetípica. Esta opção não procura mimetizar a paisagem envolvente, mas antes afirmar-se enquanto presença que dela emerge, estabelecendo um diálogo subtil entre artificialidade e contexto natural.

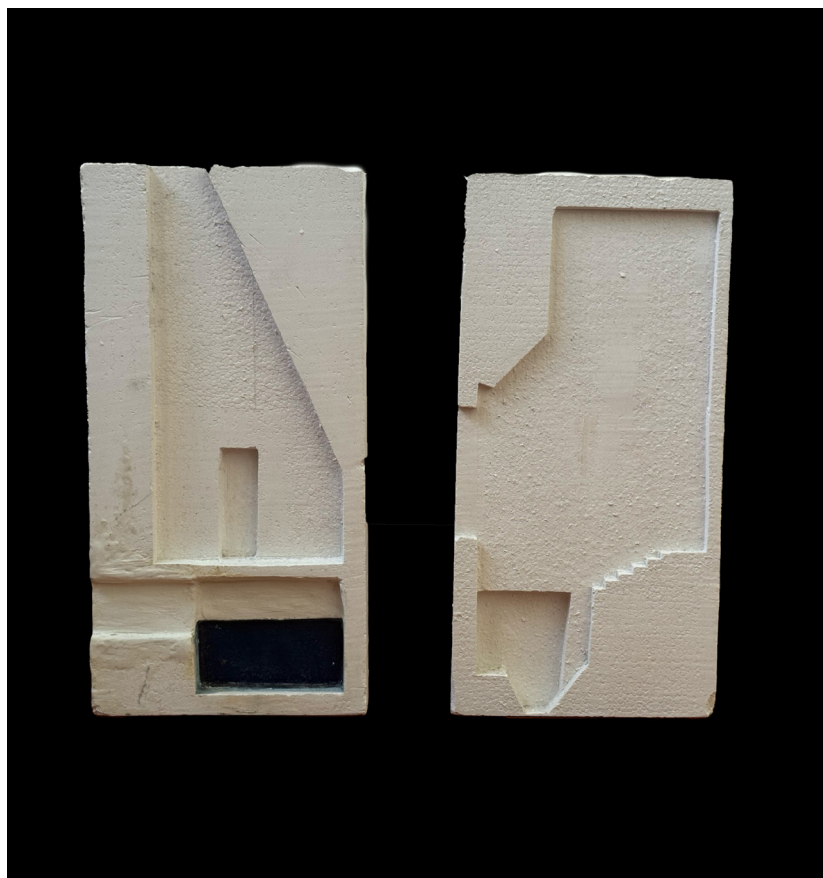


Fig. 62 -Maquete de estudo edifício termal. Fotografia e maquete do autor.

Embora não mencionados sempre de forma explícita, o pensamento de Peter Zumthor, Gaston Bachelard e Juhani Pallasmaa serviram de apoio conceptual à proposta, nomeadamente na reflexão sobre a experiência do espaço, o papel da memória e a centralidade do corpo na vivência da arquitetura. O projeto assume-se, deste modo, enquanto dispositivo hermenêutico e sensorial, capaz de restabelecer vínculos outrora esquecidos entre as comunidades e o rio, ao mesmo tempo que ativa o potencial poético, tátil e atmosférico da arquitetura pública. Esta abordagem permite reconfigurar o lugar como um território de experiências partilhadas, onde a materialidade e a atmosfera se conjugam para promover uma relação renovada com a paisagem e a memória coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante referir, ainda assim, que a frente atlântica, neste exercício, foi abordada como um território em perda, tanto simbólica como funcional. O meu pensamento, no presente trabalho, incidiu sobre a reconfiguração deste território, procurando restituir às pessoas as memórias e o simbolismo que a água detém para a comunidade local. Pretendi, assim, reviver tempos antigos e reavivar a memória coletiva através do uso da água no espaço público. A proposta do edifício de banhos públicos visa precisamente cumprir essa função no local em questão, constituindo-se como um dispositivo que interpreta os fenómenos locais e procura representá-los, de forma contemporânea, evocando as mesmas reações e significados.

O percurso do projeto, como todas as imagens documentam, assentou numa atenta observação territorial, não apenas em Algés, mas também em diversos pontos costeiros ao longo da linha Lisboa-Cascais, onde foi possível identificar a apropriação dos pontões e o fascínio das pessoas pela água. Contudo, a investigação não se limitou a esta componente empírica; envolveu igualmente a prática de projeto, materializada em diferentes maquetas, desenhos, estudos e numa reflexão teórica aprofundada sobre projetos já existentes, bem como sobre o pensamento de filósofos e historiadores que abordam o espaço público urbano, a água e a memória.

Através deste processo, compreendi que a arquitetura se assume como uma prática crítica e propositiva, exigindo um conhecimento abrangente de diversas matérias que, inevitavelmente, se interligam. O projeto não se restringe à reorganização do traçado da marginal ou à criação de novas plataformas públicas enquanto meras operações funcionais ou técnicas, antes transforma essas intervenções em gestos fundadores de uma nova relação entre cidade, território e rio. Invertendo a lógica tradicional e promovendo a construção de plataformas de uso público junto à água, a proposta desenvolvida estabelece novas regras e sentidos para o lugar, conferindo-lhe um significado simbólico e urbanístico particularmente relevante.

O edifício de banhos não foi concebido como um objeto autónomo ou escultórico, mas antes enquanto espaço relacional, apto a estabelecer vínculos sensoriais, simbólicos e sociais com o território envolvente e com as práticas quotidianas da população. A sua conceção insere-se numa poética do lugar, reconhecendo a memória histórica e os significados latentes da frente ribeirinha, procurando reativá-los através da experiência do espaço e da arquitetura.

Elementos como a materialidade, o percurso corporal, a variação das marés e a incidência da luz natural foram tratados como componentes fundamentais de uma linguagem tectónica e atmosférica, orientada para a criação de ambientes imersivos e multissensoriais.

A arquitetura assume-se, assim, enquanto território de inscrição simbólica e de regeneração identitária, onde o ato de habitar quotidiano transcende a função utilitária para se transformar em rito de experiência e reconciliação com a memória coletiva. Este edifício não se limita a acolher práticas balneares, configurando-se como um espaço de reinscrição cultural, onde a arquitetura reativa gestos ancestrais de apropriação da água e devolve ao corpo o protagonismo na relação com o espaço.

A evocação das termas romanas, neste contexto, manifesta-se como uma ancestralidade reconfigurada, que se afasta da mera repetição de formas históricas para privilegiar a atualização das suas dimensões simbólicas e sensoriais. A arquitetura, entendida como disciplina capaz de ativar múltiplas camadas do tempo, procura criar condições para que distintas épocas e modos de habitar o território possam coexistir. Esta abordagem denuncia o paradigma dominante da urbanização costeira, muitas vezes orientado pela lógica da rentabilização paisagística e pela estetização superficial da natureza, práticas que tendem a esvaziar o território do seu potencial cultural e ecológico. Em oposição a esta tendência, propõe-se a valorização da água como recurso natural e enquanto entidade investida de significado cultural, político e existencial, capaz de estruturar novas formas de apropriação do território.

O projeto assume, assim, o papel de mediador entre práticas sociais, estruturas territoriais e experiências imersivas, devolvendo ao corpo humano e ao espaço público uma centralidade que tem vindo a ser progressivamente marginalizada pelos processos de mercantilização e privatização do litoral. Pretendeu-se, deste modo, instituir lugares de memória viva, nos quais o tempo, a paisagem e a experiência quotidiana se possam abraçar de modo a constituir, simultaneamente, gesto e ritual, ambiando, por conseguinte, a reativar a dimensão coletiva e sensível do habitar, instaurando um novo paradigma de relação com o território e com os elementos naturais que o compõem.



Fig. 63 -Albrecht Durer, Women´s Bath . Public domain .



Fig. 64 - Lawrence Halprin, Ira Keller Fountain , Portland, USA, 1970.
Photograph Hagar66, 1995, Creative Commons

BIBLIOGRAFIA

- Ábalos, J. M., & Herreros, J. (1997). *Áreas de Impunidad | Areas of Impunity*. ACTAR-Edita.
- Agyin, J., et al. (2020). *The Drawing in Landscape Design and Urbanism*. OASE 107. OASE Foundation/nai010.
- AL BORDE, Gangotena, P., Barragán, D., Borja, M., & Benavides, E. (2020). *Menos es todo*. Ciudad de México.
- Alberti, L. B. (1485). *De re aedificatoria*. (Também depende da edição moderna usada — exemplo: Alberti, L. B. (1988). *On the Art of Building in Ten Books* (trad. J. Rykwert, N. Leach, & R. Tavernor). MIT Press.)
- Aragno, F., Barrett, et al. (2021). *Experiences on the Border, The Guide*. Pro Helvetia & Lars Muller Publishers.
- Azevedo, C., et al. (2022). In *Conflit - 17a Exposição Internacional de Arquitectura*, Vol. 1 e 2. Circo das Ideias.
- Bandeirinha, J. A., Sardo, D., & Canto Moniz, G. (2016). *74-14 SAAL And Architecture*. e|d|arq.
- Banz, C., Krohn, M., & Sachs, A. (2018). *Social Design, Participation and Empowerment*. Lars Muller Publishers.
- Benevolo, L. (1963). *Storia dell'architettura moderna*. Editori Laterza.
- Beigel, F., & Christou, P. (2010). *Architecture as City, Saemangeum Island City*. Springer-Verlag.
- Blau, E., & Rupnic, I. (2007). *Project Zagreb: Transition, Strategy, Practice*. Harvard GSD / Actar D.
- Burdett, R., & Sudjic, D. (2007). *The Endless City, The Urban Age Project*. Phaidon Press.
- CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS (2024). *União de Freguesias de Algés, Linda-a-Velha, Cruz Quebrada-Dafundo*. [<https://www.uniao-alcd.pt/areas-de-intervencao/cultura.html>]
- Choay, F. (2000). *The Rule and the Model: On the Theory of Architecture and Urbanism*. MIT Press.
- Chipperfield, D. (2022). *Cava Arcari*. Casabela, 886.
- De Caüter, L. (2004). *The Capsular Civilisation e Ending the Anthropocene*. nai Publishers.
- Degros, A., et al. (2021). *Basics of Urbanism: 12 Notions of Territorial Transformation*. Park Books.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS (1869). *Publicação periódica de 14 de setembro*. Lisboa.
- Diener, R., Herzog, J., et al. (2015). *The Inevitable Specificity of Cities*. Lars Muller Publishers.
- Diener, R., et al. (2016). *Territory: On the Development of Landscape and City*. ETH Studio Basel / Park

Books.

Domingues, Á. (2002). *A Rua da Estrada*. Dafne.

Domingues, Á. (2011). *Vida no Campo*. Dafne.

Domingues, Á. (2019). *Volta a Portugal*. Dafne.

Eberle, D., & Troger, E. (2015). *Density & Atmosphere*. Birkhäuser.

Fernández-Galiano, L. (2003). *House, Body, Crisis*. AV Monographs 104.

Ferreira, T. C., & Urbano, L. M. (2022). *Nenhum Sítio é Deserto, Piscina de Marés, Álvaro Siza*. Edições Afrontamento.

Ferreira, V. M. (2006). *Lisboa e a Margem Sul: Um território em construção*. ICS.

França, J.-A. (2005). *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. 5ª ed., Livros Horizonte.

Frampton, K. (1983). *Towards a Critical Regionalism*. In *The Anti-Aesthetic*. Bay Press.

Gadamer, H.-G. (1960). *Wahrheit und Methode*. Mohr Siebeck.

GARRET, A. (1875). *Obras do V. de Almeida Garret XV in XXXVI*. Imprensa Nacional.

Gazeta de Miraflares. (2012). *Memórias da Praia de Algés*. Disponível em: <https://gazetademiraflares.blogspot.com/2012/06/memorias-da-praia-de-alges.html> (Acedido em: 13 de junho de 2025).

GEO API PT. (2024). *Dados gratuitos de Portugal*. [<https://geoapi.pt>]

Giedion, S. (1948). *Mechanization Takes Command*. Oxford University Press.

Gomes, L. N. (2005). *Algés ao longo dos tempos*. Junta de Freguesia de Algés.

Hayden, D. (1995). *The Power of Place: Urban Landscapes as Public History*. MIT Press.

Halbwachs, M. (1992). *La Mémoire Collective*. Albin Michel.

Hertweck, F. (2018). *Positions on Emancipation*. Lars Muller Publishers.

IBAVI. (2023). *El Croquis Magazine*, Issue 219.

Ingersoll, R. (2006). *Sprawltown*. Princeton Architectural Press.

Jain, T., Sheth, P., & Sheth, A. (2020). *Stepwells of Ahmedabad*. Calmo Editions.

Jallon, B., & Napolitano, U. (2013). *TRACES*. Actar.

- Koolhaas, R., & Mau, B. (1995). S,M,L,XL. 010 Publishers.
- Lacaton & Vassal. (2021). Free Space, Transformation, Habiter. Fundación ICO.
- Lamas, J. (2004). Morfológicas Urbanas e Desenho da Cidade Contemporânea. Livros Horizonte.
- Leatherbarrow, D., & Mostafavi, M. (2002). Surface Architecture. MIT Press.
- Le Corbusier. (1923). Vers une architecture. G. Crès.
- Lisboa de Antigamente. (2018). Ponte Pedonal da Praia de Algés. Disponível em: <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2018/06/ponte-pedonal-da-praia-de-alges.html> (Acedido em: 13 de junho de 2025).
- Lynch, K. (1960). The Image of the City. MIT Press.
- Merleau-Ponty, M. (1945). Phénoménologie de la perception. Gallimard.
- Mollard, M. (2019). Chega de Saudade. Architectural Review, 1465.
- Norberg-Schulz, C. (1980). Genius Loci. Rizzoli.
- Pallasmaa, J. (1996). The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses. Wiley-Academy.
- Pearson, C. (2020). The Architecture of Bathing: Body, Landscape, Art. MIT Press.
- Pérez-Gómez, A. (1997). Architecture and the Crisis of Modern Science. MIT Press.
- Pen Online. (s.d.). Schemata Architects Modernise un Sento pour enrayer leur disparition. Disponível em: <https://pen-online.com/travel/schemata-architects-modernise-un-sento-pour-enrayer-leur-disparition/> (Acedido em: 13 de junho de 2025).
- Piscina de Marés. (2022). Nenhum Sítio é Deserto. Edições Afrontamento.
- Portas, N., Domingues, Á., & Cabral, J. (2011). Políticas Urbanas. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Prado Coelho, E. (2006). Nacional e Transmissível. Guerra e Paz.
- Radovic, D., & Boontharm, D. (2014). In the Search of Urban Quality. Flick Studio.
- Ribeiro, O. (2021). Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Letra Livre.
- Ribeiro Telles, G. (1987). Estratégias para uma Política de Ambiente Urbano. CML.
- Rossano, F. L. M. (2021). Flood Scapes. nai010.
- Rossi, A. (1997). A Arquitectura da Cidade. Edições Cosmos.

Schama, S. (1995). *Landscape and Memory*. Vintage Books

Schön, D. (1983). *The Reflective Practitioner*. Basic Books.

Silva, R. H. (1989). *Lisboa Oitocentista*. Estampa.

Topographic Map. (s.d.). Algés Topographic Map. Disponível em: <https://pt-br.topographic-map.com/map-v5t851/Algés/> (Acedido em: 13 de junho de 2025).

Tuan, Y.-F. (1977). *Space and Place: The Perspective of Experience*. University of Minnesota Press.

Tschumi, B. (1994, 2000, 2004, 2010). *Event-Cities (1 a 4)*. MIT Press.

Vitrúvio. (século I a.C.). *De Architectura*. (edição e tradução dependem da edição moderna usada — exemplo: Vitrúvio. (1997). *Os Dez Livros de Architectura* (trad. M. Justino Maciel). Vega.)

Zumthor, P. (2006). *Atmospheres*. Birkhäuser.

Zumthor, P. (2007). *Therme Vals*. Scheidegger & Spiess.

ANEXOS

PAINÉIS TFM DEFINITIVOS



- programa balnear - 1800 m²
- habitação - 30 910 m² - 310 fogos (150 m² por fogo, em média)
- comércio / restauração - 6500 m²
- equipamentos - 4240 m²
- estacação turística - 2430 m²
- estacionamento - 5800 m²
- área permeável - 465 100 m²
- área impermeável - 13 500 m²



A nova margem foi concebida como uma via de trânsito lento, composta por quatro faixas de rodagem, duas em cada sentido, separada por um separador central arborizado. Integra áreas cobertas, passeios pedonais e zonas de estadia. Este redesign, para além de reduzir o ruído e a poluição do tráfego automóvel, devolve à população um espaço de relação direta com o rio, incorporando locais públicos estruturados, áreas de estadia e zonas ajardinadas, estrategicamente posicionadas para mitigar o impacto visual e acústico da L16. Assim, a promissora criação mais forte da nova identidade.

O novo propósito transcende a sua função de apoio físico ou técnico. Ao assumir-se como uma infraestrutura de mediação, estabelece conexões significativas entre o tecido urbano e o domínio fluvial, entre o legado histórico e a contemporaneidade, bem como entre a comunidade e o espaço público. A sua morfologia resulta da interação e reinterpretação das linhas de força do tecido urbano preexistente, priorizadas em direção ao rio. Outra operação emergiu dos parâmetros iniciais, como a criação de uma via de 10 a 200 metros, alinhando-se com as direções de fluxo de carga de transporte na direção do rio. Estas intervenções, articuladas por passeios e zonas de trânsito, desempenham estruturalmente o papel de suporte programático e de infraestrutura pública, promovendo a transição entre a cidade e a água.

A ÁGUA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA

Reparar e criar memória entre Aljés e a Chur Quadrada e execução de um edifício de banhos públicos.

LOCALIZAÇÃO

PRAIA DE ALJÉS

1:2000

ESCALA

PLANTA E CORTE

06/25

DESENHO

PROFESSOR JOSÉ MALHA

PROFESSOR FRANCISCO OLIVEIRA

DATA

06/25

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

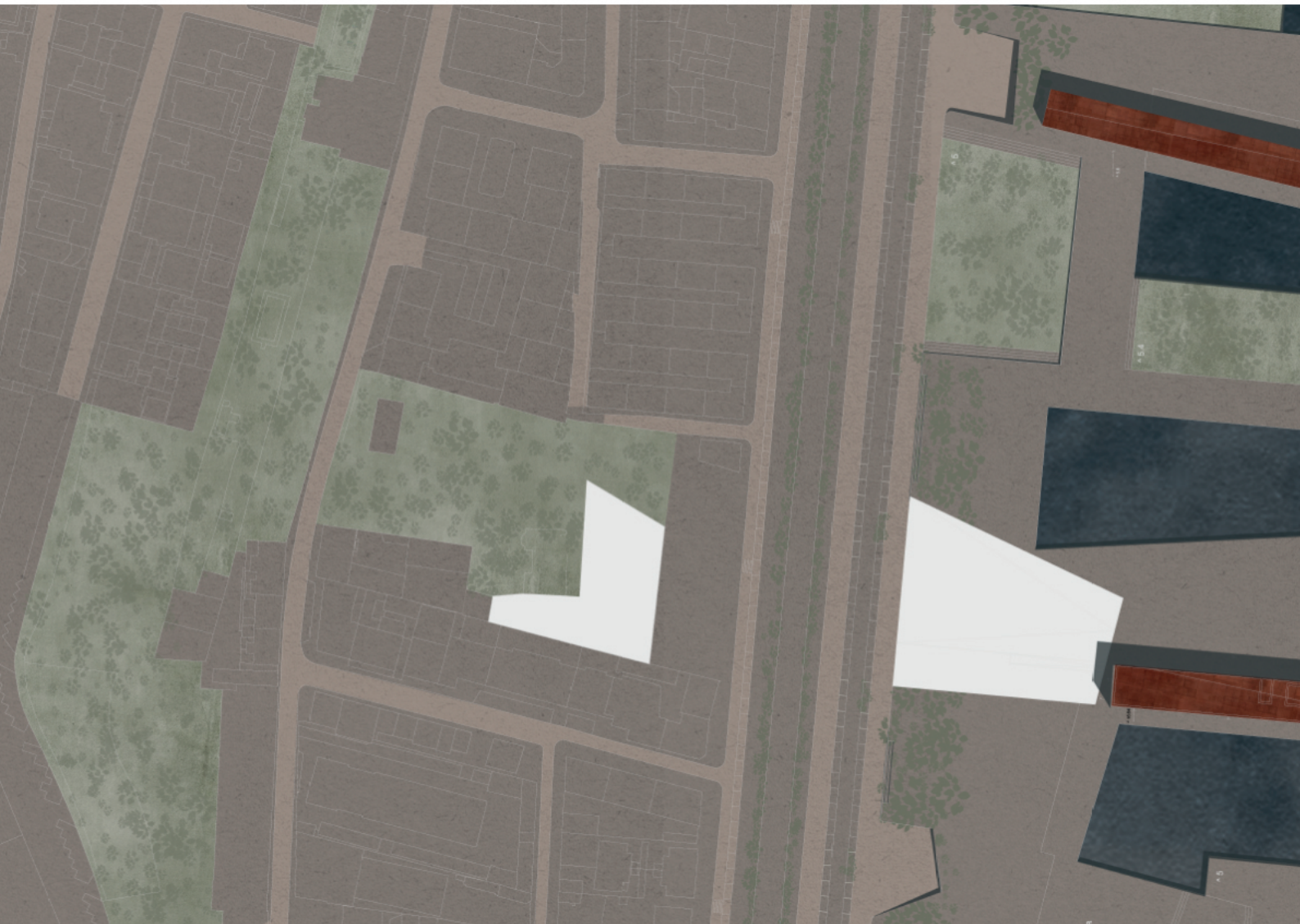
PROFESSOR JOSÉ MALHA

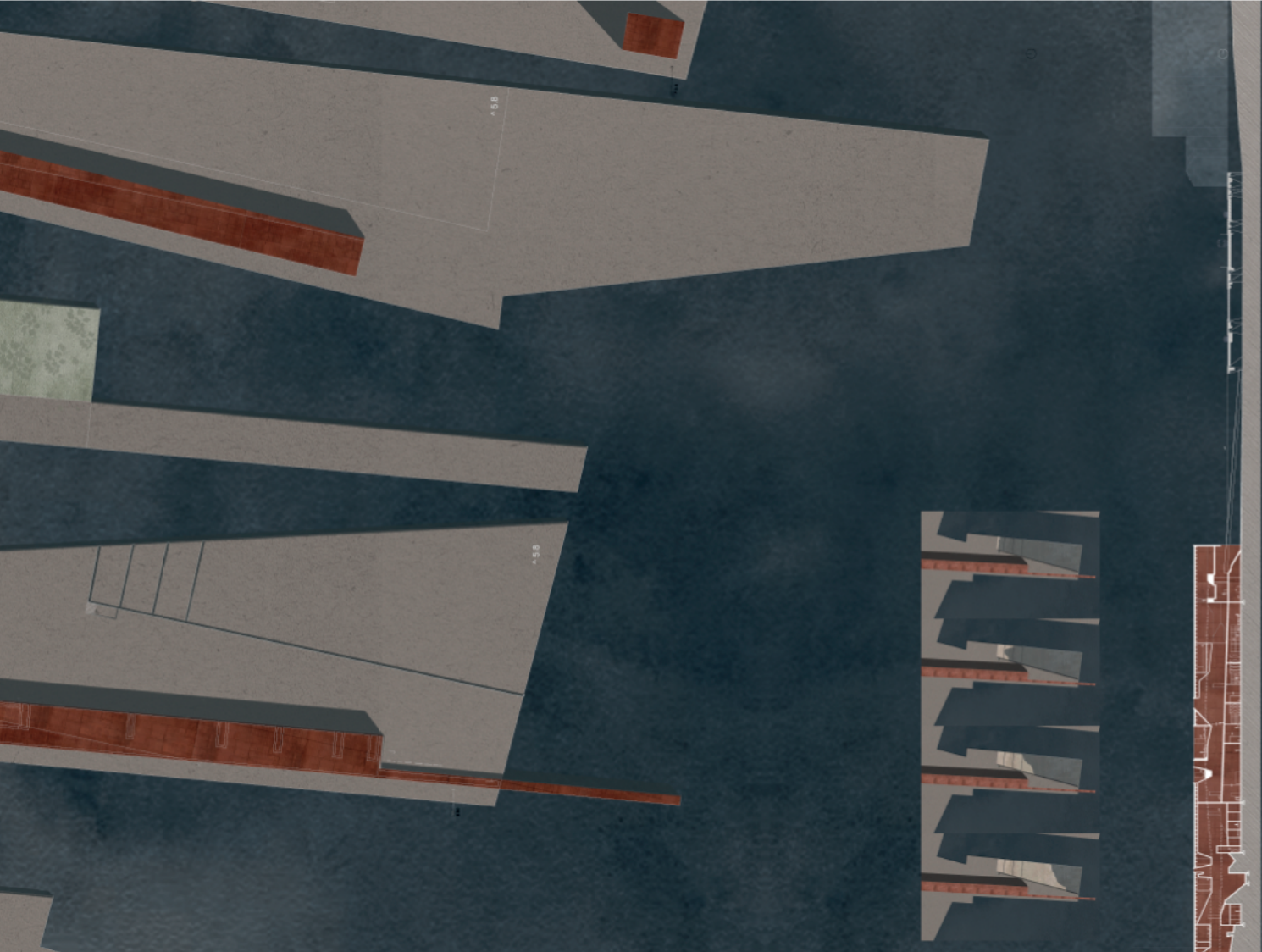
PROFESSOR FRANCISCO OLIVEIRA

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA







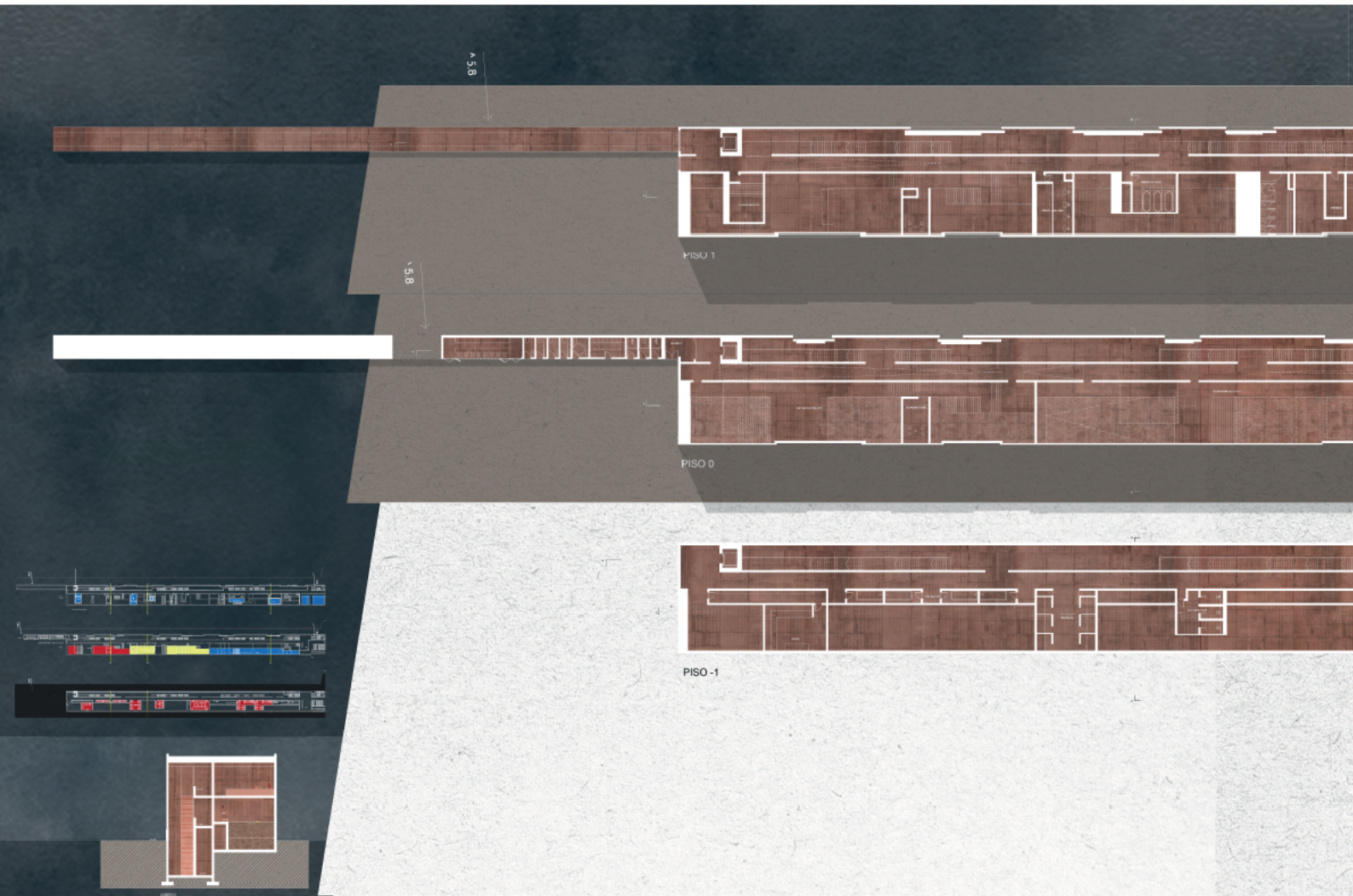
+3.8

+3.8

A MAIA COMO ELEMENTO DE IDENTIFICAÇÃO ARQUITETÓNICA
Projetor e toda infraestrutura Apoio à UIC, Duração e tempo de construção de todos os pontos.

LOCALIZAÇÃO	ESCALA	DESIGNO	DATA	ORIENTAÇÃO CARTÉGRAFICA	TÍTULO DO PROJETO
PRAIAS DE ACESSO	1:500	PLANTA 1 CORTE	08/25	PROFESSOR DE ARQUITETURA	PROJETO DE MAIA DE LERDA

PROFESSOR DE ARQUITETURA



A ÁGUA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA

Reparar e trazer memória entre Aljube e a Rua Quebrada e execução de um edifício de banhos públicos.

LOCALIZAÇÃO ESCALA

PRAA DE ALGÉS 1:200

DESIGNO

PLANTA E CORTE

DATA

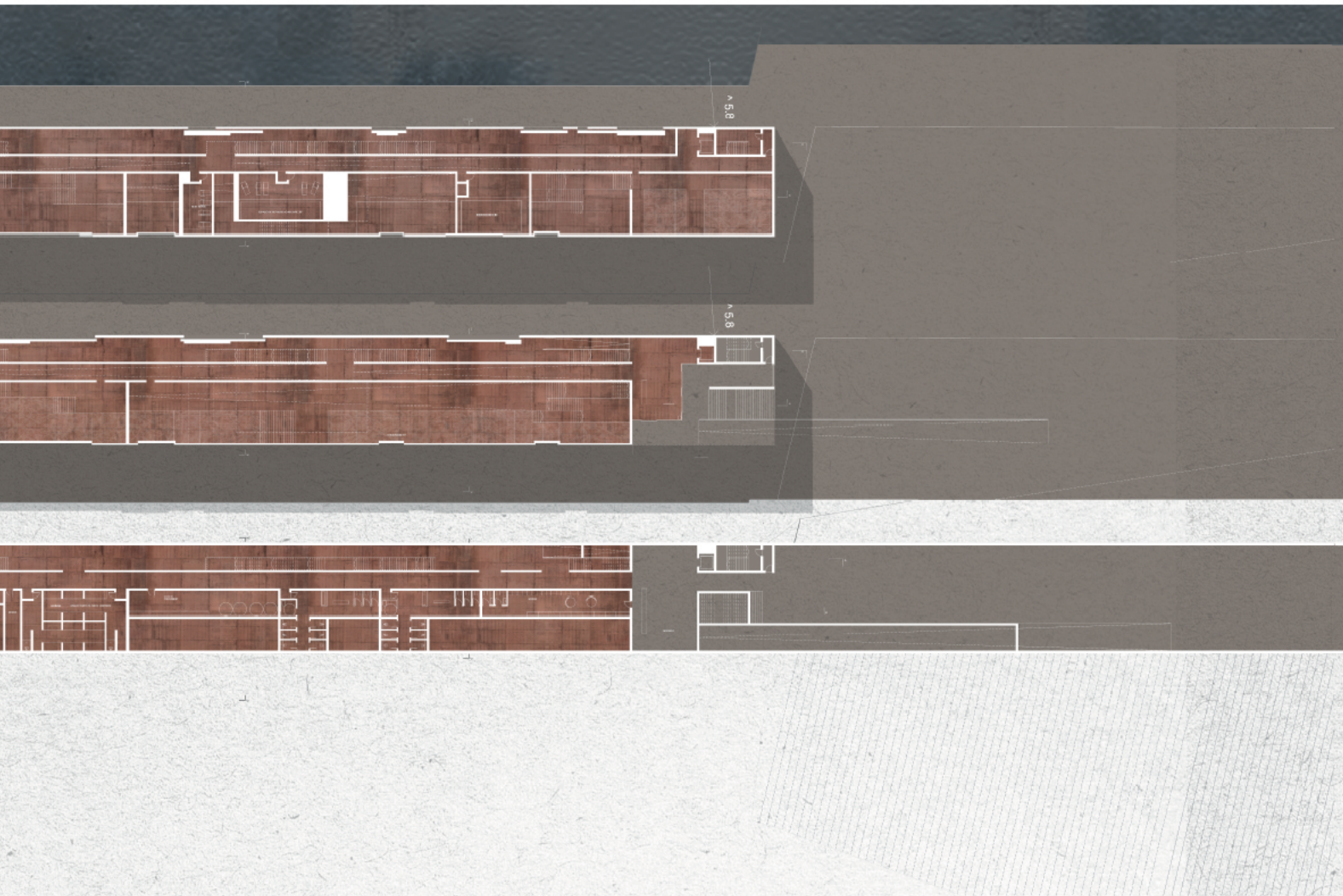
06.25

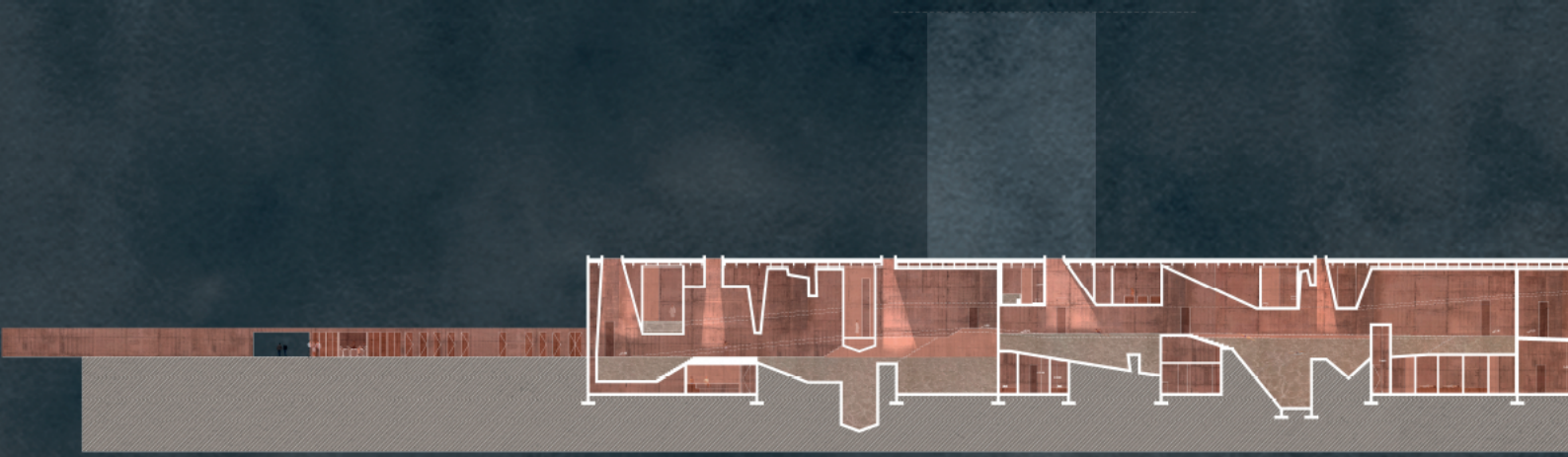
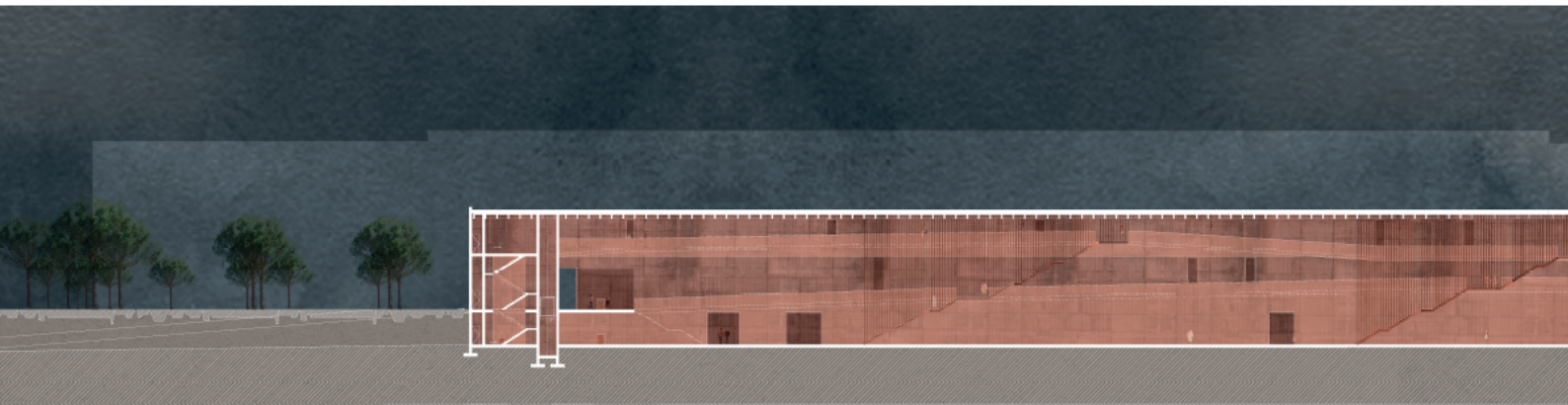
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

PROFESSOR JORGE MALHA
PROFESSOR ROMÁRIO OLIVEIRA

TRABALHO FINAL DE MESTRADO

FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA





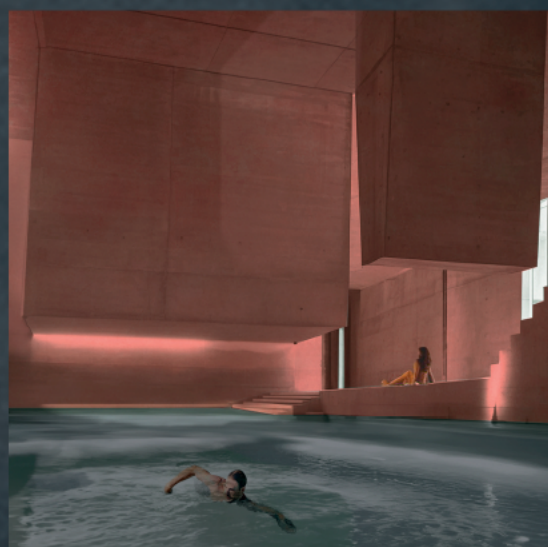
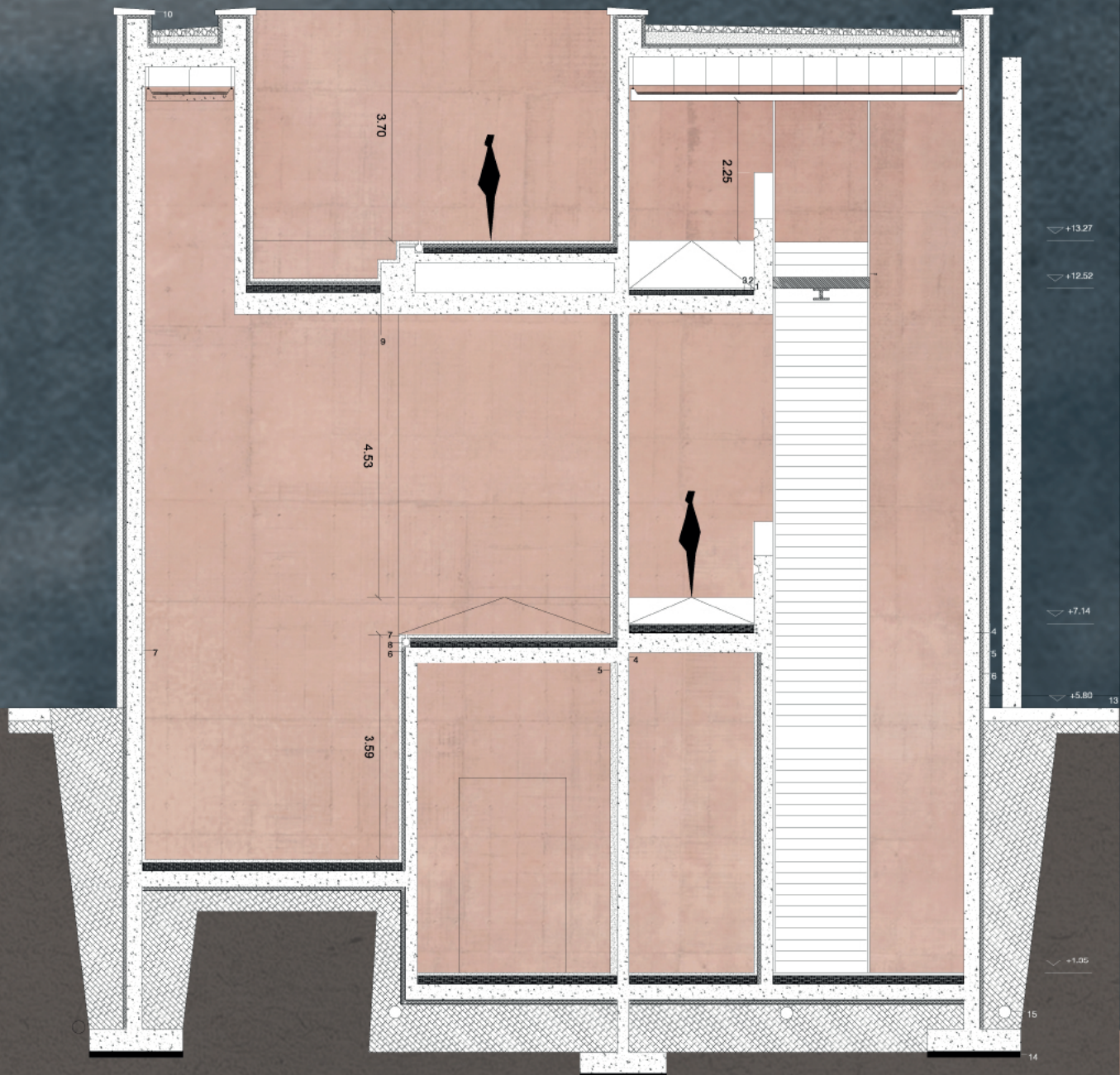
A ÁGUA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA
Repensar a frente marítima entre Aljezur e a Cruz Quebrada e escção de um edifício de banhos públicos.

LOCALIZAÇÃO ESCALA
PRAIA DE ALJÉZUR 1:200

DESENHO DATA
CORTES 06.25
PROFESSOR JORGE MALHA
PROFESSOR FRANCISCO OLIVEIRA

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA TRABALHO FINAL DE MESTRADO
FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA

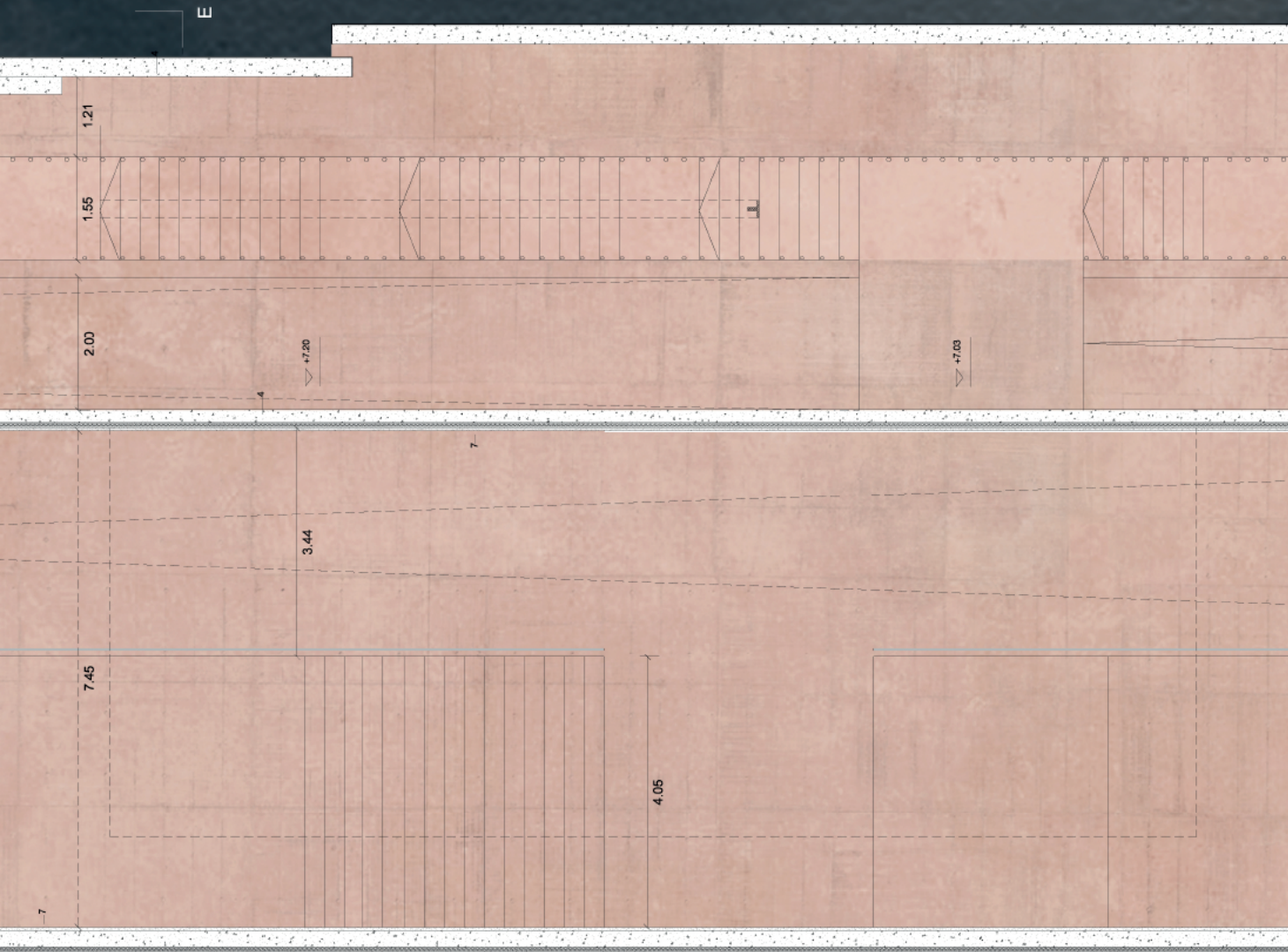




- 1- Pavimento interior contínuo afagado à base de cimentos especiais e fibras de elevada resistência e flexibilidade, na cor ocre 22mm
- 2- Argamassa leve de enchimento para passagem de infraestruturas 0cm
- 3- Manta acústica esp. 1cm
- 4- Betão armado estrutural
- 5- Betonilha armada de revestimento
- 6- Isolamento 60mm
- 7- Betonilha de revestimento com pintura impermeabilizante
- 8- Cadeira Pré Fabricada em Betão
- 9- Tela de impermeabilização
- 10- Platabanda
- 11- Escada Metálica
- 12- Brita lavada
- 13 - PAVISTON betão poroso/pigmentado
- 14- Membrana geotextil
- 15- Geodreno

A ÁGUA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA

Repensar a frente marítima entre Algés e a Cruz Quebrada e execução de um edifício de banhos públicos.



FRIGIDARIUM 14°





A ÁGUA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA

Repensar a frente marítima entre Algés e a Cruz Quebrada e execução de um edifício de banhos públicos.

LOCALIZAÇÃO

PRAIA DE ALGÉS

DESENHO



HO

DATA

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

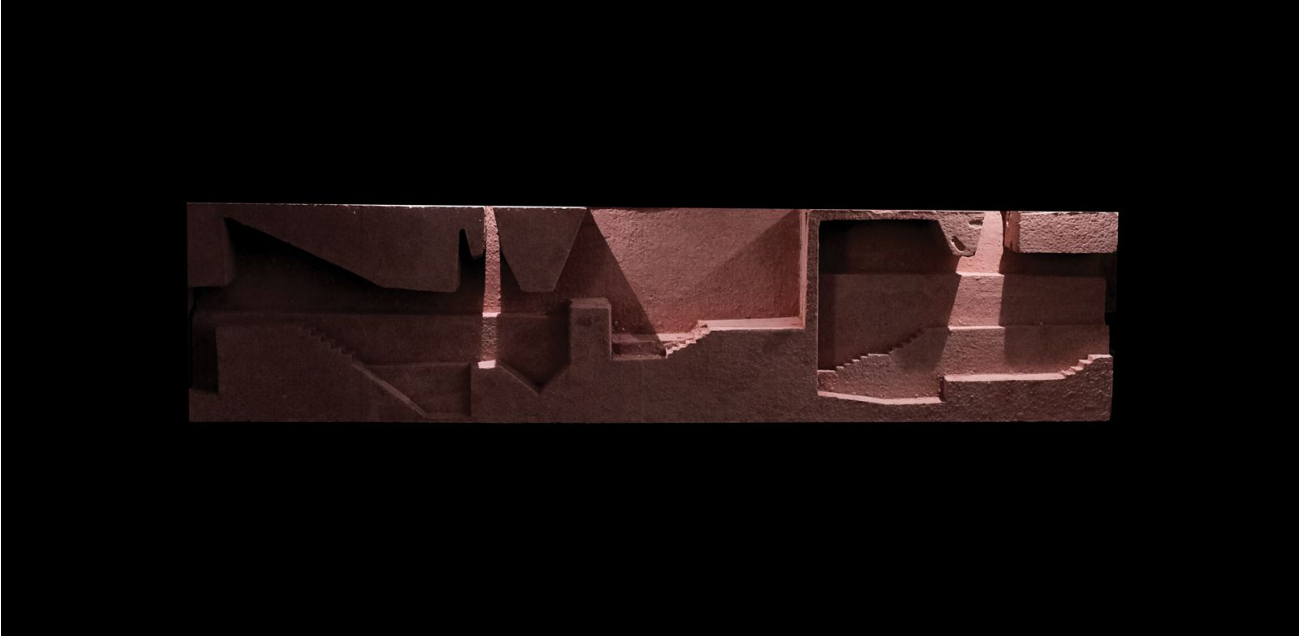
TRABALHO FINAL DE MESTRADO

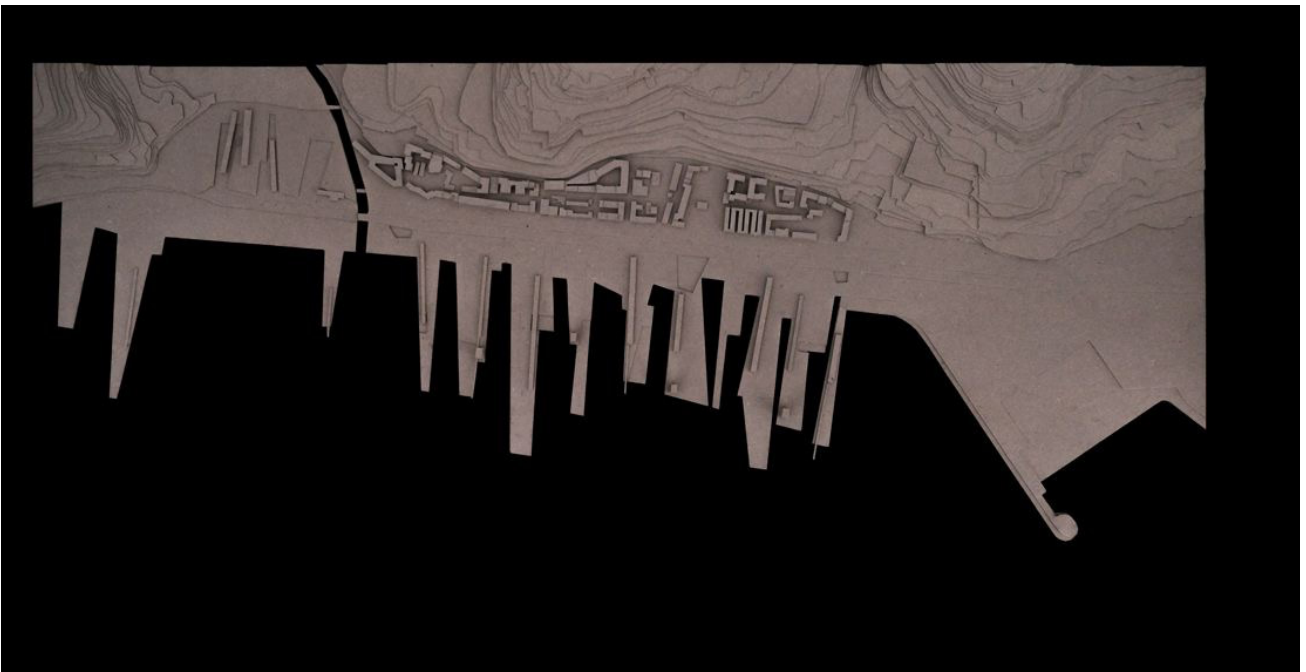
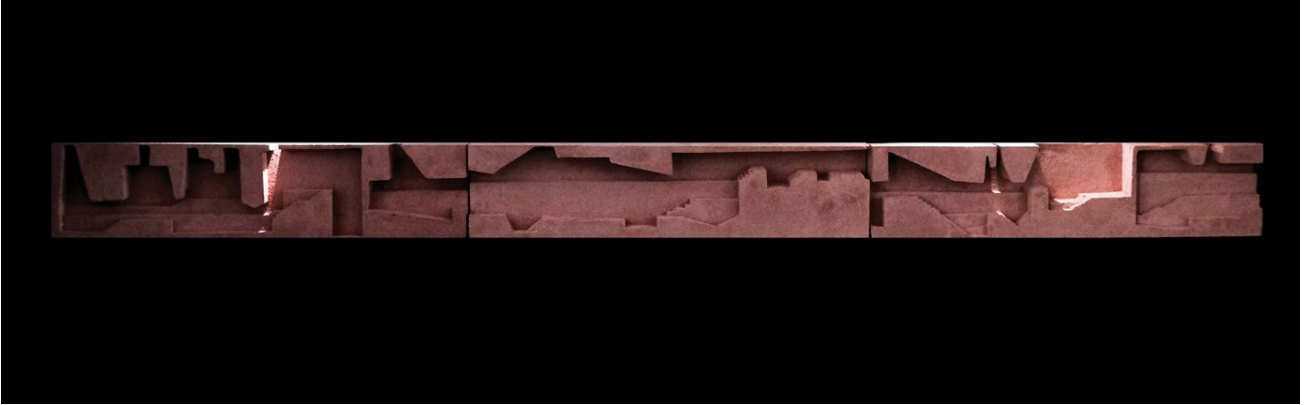
PROFESSOR JORGE MEALHA

FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA

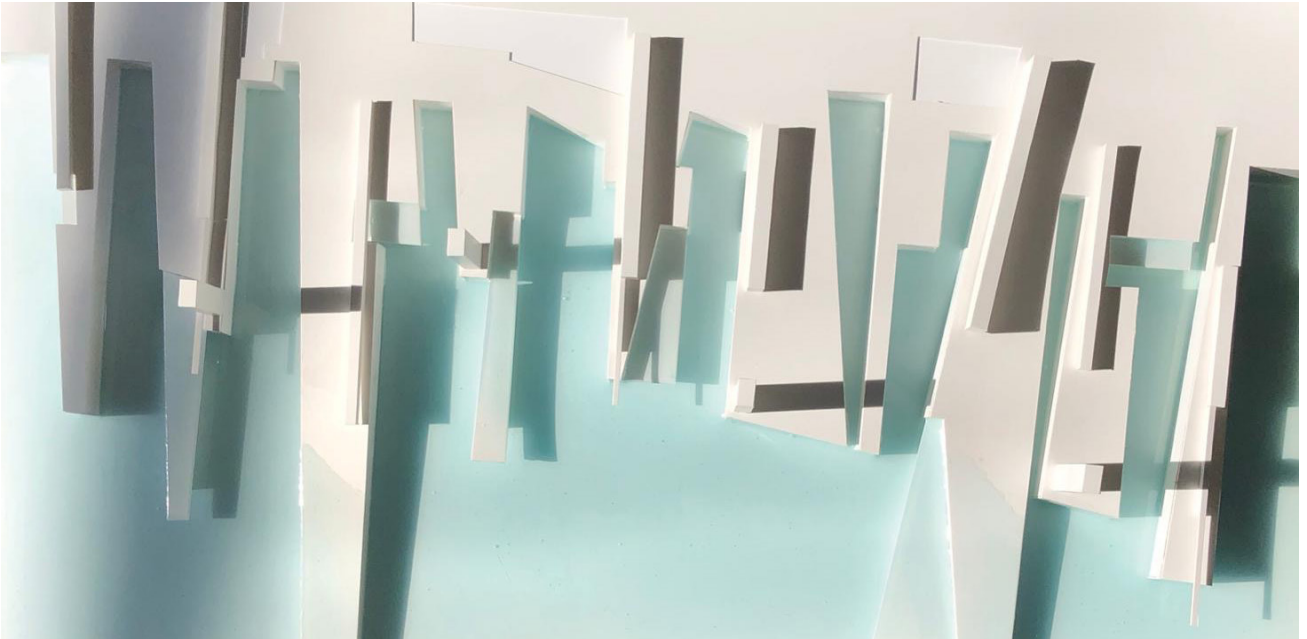
PROFESSOR FRANCISCO OLIVEIRA

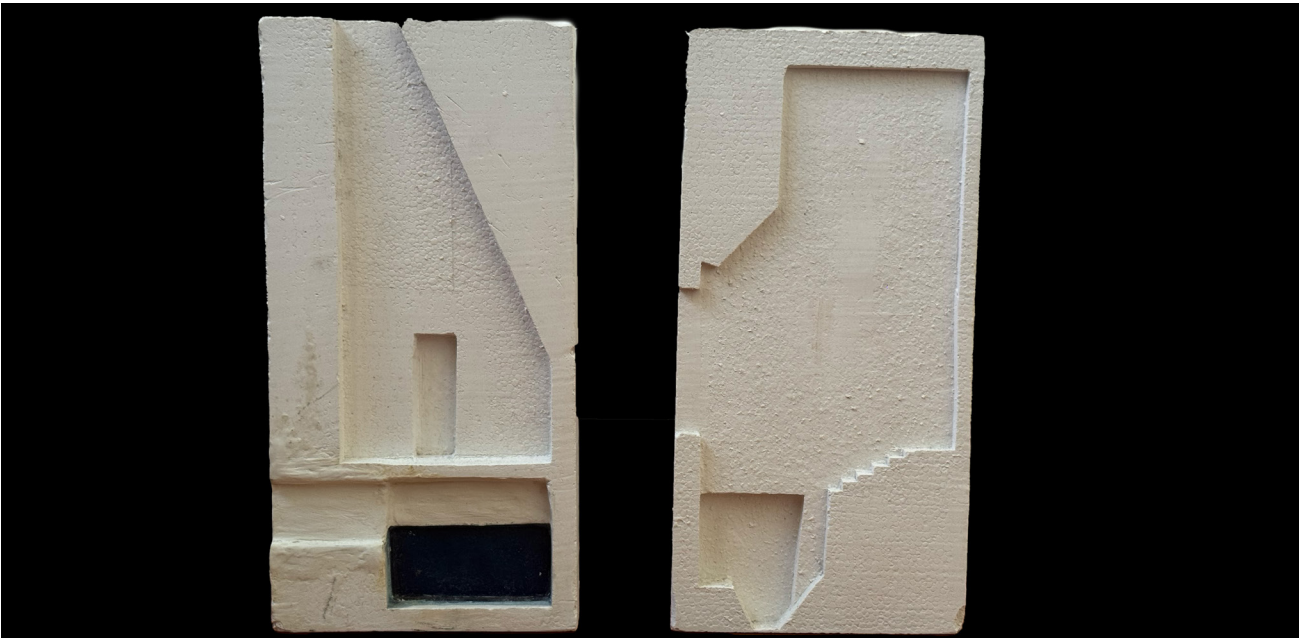
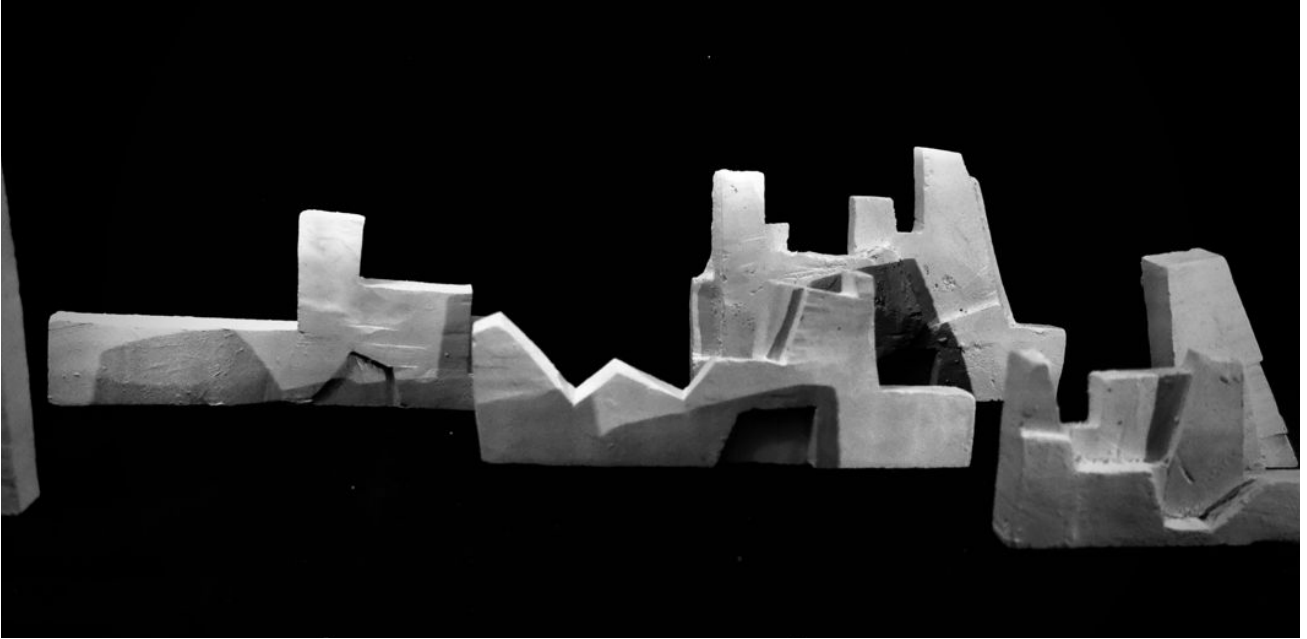
MAQUETES



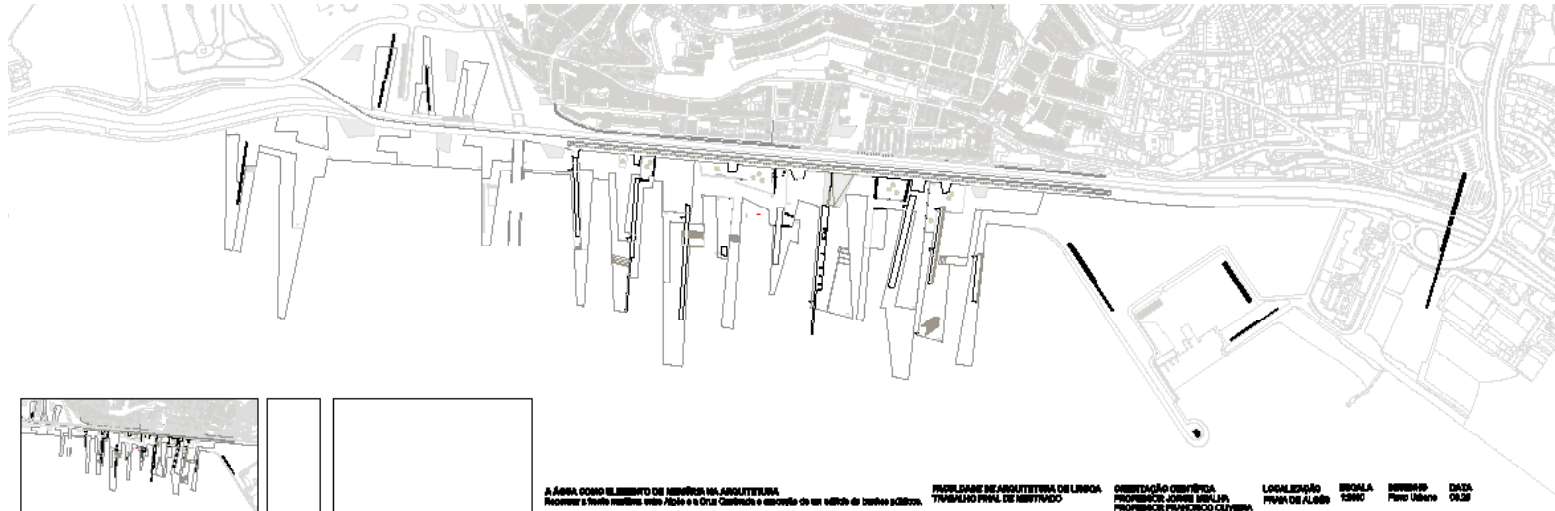


MAQUETES





PAINÉIS TFM PROVISÓRIOS



A ÁREA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA
 Recuperar o tecido existente entre Alameda e a Cruz Queimada e executar de um edifício de banhos públicos.

FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA
 TRABALHO FINAL DE MESTRADO

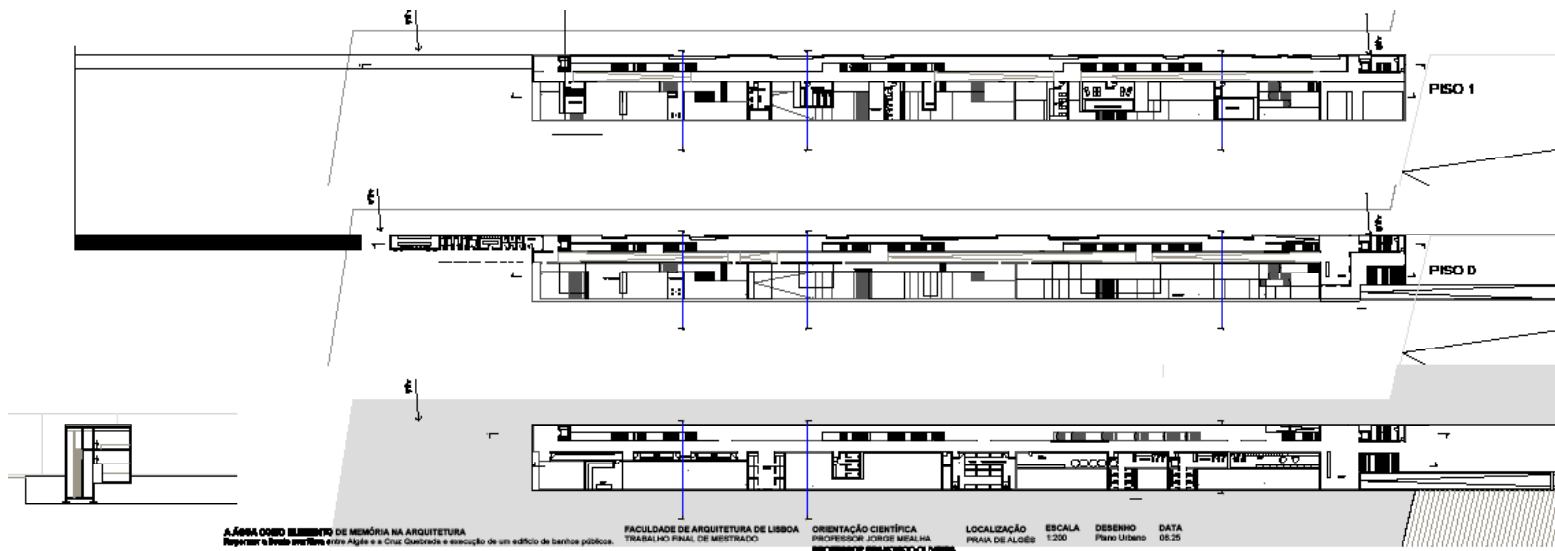
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
 PROFESSOR JOSÉ BRILHA
 PROFESSOR PAVÃO/CÓDIGO OLIVEIRA

LOCALIZAÇÃO
 PRAIA DE ALGÉS

ESCALA
 1:200

DESENHO
 PAVÃO OLIVEIRA

DATA
 05.25



A ÁREA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA
 Recuperar o tecido existente entre Alameda e a Cruz Queimada e executar de um edifício de banhos públicos.

FACULDADE DE ARQUITETURA DE LISBOA
 TRABALHO FINAL DE MESTRADO

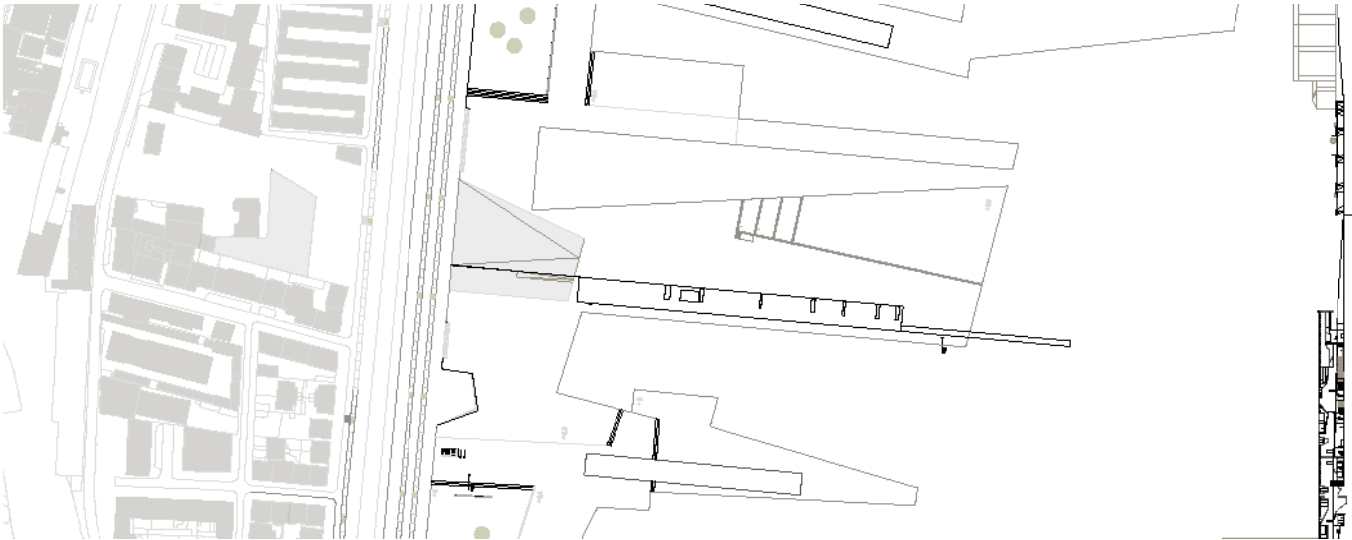
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA
 PROFESSOR JOSÉ BRILHA
 PROFESSOR PAVÃO/CÓDIGO OLIVEIRA

LOCALIZAÇÃO
 PRAIA DE ALGÉS

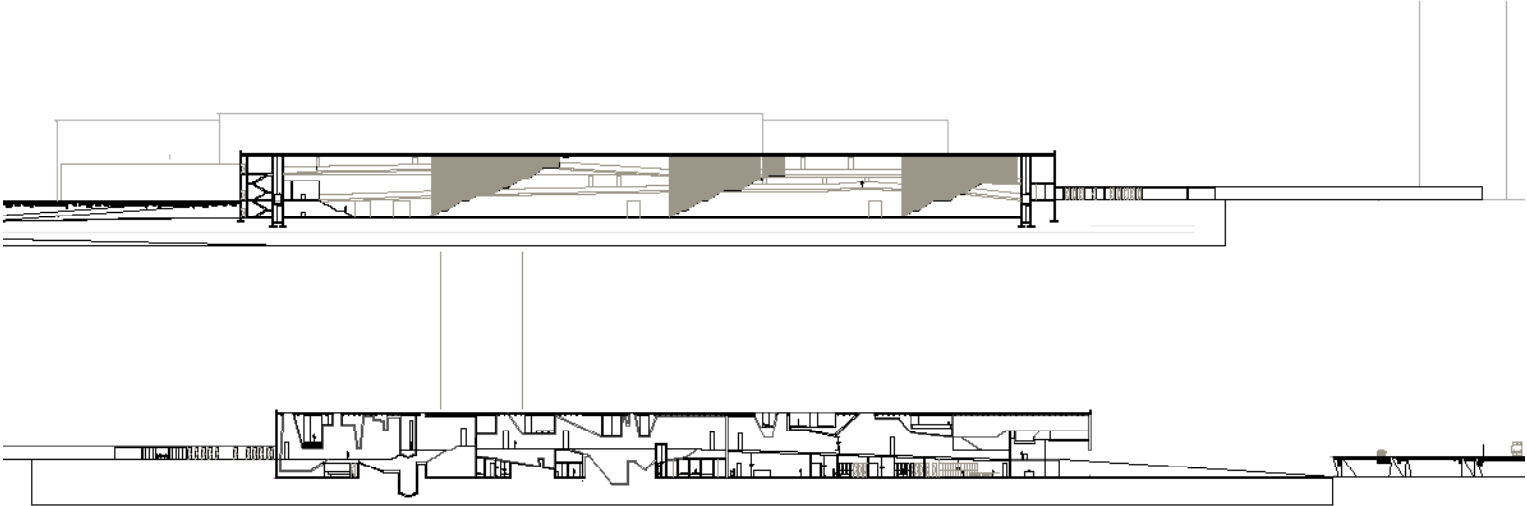
ESCALA
 1:200

DESENHO
 PAVÃO OLIVEIRA

DATA
 05.25

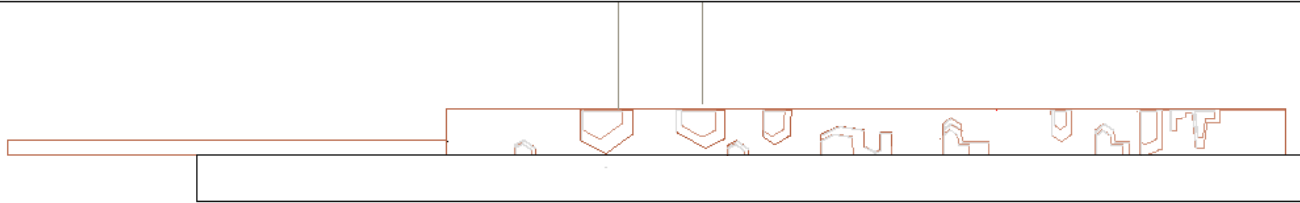
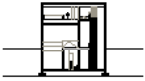


A Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco
 apresenta o projeto de arquitetura para a construção de um
 edifício de arquitetura de referência em Pernambuco.
 LOCALIZAÇÃO: BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL - BRASIL
 PROJETO: PAULO DE CARVALHO
 ARQUITETO RESPONSÁVEL: PAULO DE CARVALHO



A ESCOLA COMO ELEMENTO DE MEDIÇÃO NA ARQUITETURA
 Trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo
 FACULDADE DE ARQUITETURA DE LAMPA
 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO GRANDE DO NORTE
 ORIENTADOR: PROF. DR. PAULO DE CARVALHO
 LOCALIZAÇÃO: BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL - BRASIL
 ESCOLA: 1207
 DISCIPLINA: ARQUITETURA
 DATA: 08/20

Alçado

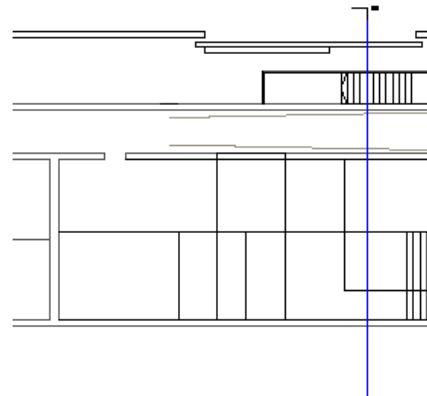
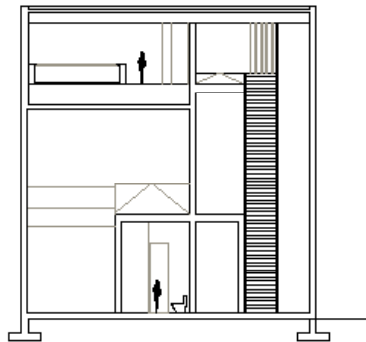


A ÁREA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA
Revisar e criar relações entre Alçado e a Cruz Central e absorção de um núcleo de trabalho público.

FACILIDADE DE ARQUITETURA DE LINHAS
TRABALHO PÚBLICO DE BERTINHO

ORIENTAÇÃO ORIENTADA
PROFESSOR JORGE ESPALHA
PROFESSOR FRANCISCO OLIVEIRA

LOCALIZAÇÃO ESCOLA PERÍODO DATA
PUNA DE ALAGOAS 12º ANO 1º SEMESTRE 09.23



A ÁREA COMO ELEMENTO DE MEMÓRIA NA ARQUITETURA
Revisar e criar relações entre Alçado e a Cruz Central e absorção de um núcleo de trabalho público.
LOCALIZAÇÃO ESCOLA PERÍODO DATA
PUNA DE ALAGOAS 12º ANO 1º SEMESTRE 09.23

FACILIDADE DE ARQUITETURA DE LINHAS
TRABALHO PÚBLICO DE BERTINHO
ORIENTAÇÃO ORIENTADA
PROFESSOR JORGE ESPALHA
PROFESSOR FRANCISCO OLIVEIRA

RENDER

A. JORNADA DE TRABALHO DE PROFISSIONAIS DA ARQUITECTURA
Reservar a noite inteira entre Agosto e o Outono e a noite de trabalho de um edifício de habitação pública.

FACULDADE DE ARQUITECTURA DE LISBOA
TRABALHO FINAL DE MESTRADO

ORIENTAÇÃO ORIENTADA
PROFESSOR JOSE BEALIM
PROFESSOR FRANCISCO OLIVEIRA

LOCALIZAÇÃO	ESCALA	CONTEÚDO	DATA
PRACA DE ALTO	Render	Render	05/02

PROCESSO





maddena berro, ita dactula, tereza thomaz | SB | doceria prof. jorge melha | 1/200



maddena berro, ita dactula, tereza thomaz | SB | doceria prof. jorge melha | 1/200



